

82.091
P436m
Ex I

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N.º	00514612
Data	10 103 12034
() Compra (X) Doação () Permuta	

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Soeli Maria Pereira

A METAMORFOSE DA BRUXA NOS CONTOS DE FADAS

Pontes e Lacerda/MT
2007/2

82-343
4-3-1
2-1

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Soeli Maria Pereira

A METAMORFOSE DA BRUXA NOS CONTOS DE FADAS

Monografia de Conclusão de Curso de graduação em letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduando em Letras.

Orientadora: Profª. Walmira Sodré Austríaco Moraes.

Pontes e Lacerda/MT
2007/2

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: ____/____/____

Nota: ____

Orientadora: Professora Walmira Sodré Austriaco Moraes
Departamento de Letras
UNEMAT

1º Membro: Professora Ms. Maria Inês Parolin Almeida
Departamento de Letras
UNEMAT

2º Membro: Professor Epaminondas Matos Magalhães
Departamento de Letras
UNEMAT

Dedico esse trabalho a meus pais Geraldo e Neuza que sempre me incentivaram a seguir a diante nas dificuldades, a meu noivo, Sererson, a meus amigos, em especial Lilian que não deixou que desistisse, a Luciane, Claudeth, Minha Mãe, Cinthia e a meus irmãos Sérgio e Sidney, meus sogros Cristina e Israel e as minhas cunhadas Giseli, Gislei e Geisiely que me ajudaram com seu apoio. A todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram, e a meus familiares. Obrigada pela compreensão em todos os momentos que dediquei aos meus estudos.

Agradeço profundamente a Deus por me dar o dom da
intelligibilidade e perseverança para proseguir sempre com
diligentissimo, exatidão e utilidade, superando
obstáculos. Agradeço da pessoa que mais me ajudaram
a concluir o saber e me auxiliaram, em especial a minha
orientadora prof. Walnira Sodré Quirino Moraes
que me ajudou orientando-me a realizar esse trabalho, a
meu prof. e grande amigo Celso, a prof. Denise, a
prof. Madalena Dacelli, a prof. Sara, a prof.
Kátia, a prof. a prof. Sabina, ao prof. Isaac
Newton, a prof. Isabel, a prof. M. Graziela, a
prof. Dra. Eliana de Almeida, a prof. Adécia, a prof.
M. Regina Vargas, ao prof. José Antonio, a prof.
Ana Maria, a prof. Elzangela, a prof. M. Leticia, a
prof. Carmen e a todos os professores que porventura
não mencionarei, agradeço pelas horas de dedicação.

"(...) sei não, eu acho Uxa muito parecida com muita gente!" · "Quando zanga, vira bruxa / Quando ama, vira fada."

Sylvia Orthof

"Há maior significado profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina".

Schiller

RESUMO

O intuito deste estudo é apontar como a personagem bruxa nos contos de fadas, passou por uma metamorfose, das histórias infantis tradicionais para as contemporâneas. É a partir desse pressuposto abordarei o mito para que possa observar essa transformação nas obras infantis, clássicas e nas modernas e como o mito da maldade da bruxa está no imaginário infantil até na atualidade, como essas personagens se mitificam com o decorrer dos séculos, ainda mais nas obras clássicas. Formou-se um ideal de bruxa até hoje, na modernidade, essa imagem não se modificou, mas ocorreram transformações nessas personagens, a partir da perspectiva que suas ações passaram por modificações na literatura moderna. A bruxa se apropria dos papéis principais nas obras contemporâneas. Não apenas as ações mudaram, mas também tudo que caracterizava essa personagem. Exatamente esse o ponto central para discutir as mitificações, as transformações, as configurações e todos os aspectos que formam essa personagem desde os contos tradicionais aos contemporâneos. Obras com a bruxa tradicional são mais conhecidas pelas crianças, já as contemporâneas, as crianças têm pouco acesso por isso que quando falamos de bruxa elas formam a imagem de uma bruxa tradicional. De certa forma isso impede as crianças de perderem o medo que a bruxa tradicional causava quando se liam as histórias dos contos de fadas.

Palavras-chave: bruxa, mito, personagem, transformação, imagem, desconstrução.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
I – A BRUXA E O MITO DA MALDADE.....	10
1.1 A construção do mito.....	10
1.2 As configurações da bruxa nos contos de fadas.....	17
1.3 A instauração do medo nos contos de fadas.....	25
II – A METAMORFOSE DA BRUXA NOS CONTOS DE FADAS.....	28
2.1 A bruxa tradicional X contemporânea.....	28
2.2 A construção da imagem da bruxa nos contos de fadas.....	30
2.3 A metamorfose da bruxa.....	35
Considerações Finais.....	49
Referências Bibliográficas.....	52

INTRODUÇÃO

A bruxa, antes de ser considerada um mito e ser introduzida na literatura infantil, e até mesmo antes de surgirem obras com essa personagem, era conhecida através das narrativas orais que eram contadas para o povo em praças públicas. Essas narrativas orais eram modificadas constantemente pela pessoa do narrador. Na tradição oral, as histórias compiladas não eram destinadas ao público infantil e sim aos adultos; foram os Irmãos Grimm que fundiram as narrativas populares ao universo infantil que somente foram destinadas para as crianças a partir do séc. XVIII, com nascimento da sociedade moderna e com o surgimento do status de criança.

As histórias infantis e os contos populares, no entanto, existem desde que o ser humano adquiriu a fala. Há notícias de histórias antigas na África, na Índia, na China, no Japão e no Oriente Médio; como a coleção de contos árabes *As Mil e Uma Noites* e muitos outros que surgiram e foram modificados com o tempo.

Os contos de fadas pertencem ao gênero literário mais rico do imaginário popular. Essas histórias funcionam como válvula de escape e permitem que a criança vivencie seus problemas psicológicos de modo simbólico, saindo mais feliz dessa experiência. Com a invenção da prensa no séc. XVII foram publicados dos primeiros contos infantis. O Maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Através do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens vão agir em seu inconsciente, atuando pouco a pouco para ajudar a resolver os conflitos interiores normais nessa fase da vida.

A personagem bruxa também foi inserida na literatura infantil, como na Obra *Branca de Neve e os Sete Anões*, *João e Maria*, entre outros. Essas personagens são consideradas más, suas estéticas são cada vez mais, nas obras, grotescas.

O que mais chamava atenção na bruxa era a sua configuração com a maldade e foi exatamente por sua maldade que na atualidade as crianças a conhecem. Esse mito do mau faz com que se tenha a impressão de uma personagem imutável, mas na literatura contemporânea esse estereótipo da bruxa está sendo desconstruído.

Essas personagens tradicionais causavam medo nas crianças, pois de alguma forma suas maldades dentro das obras eram assustadoras, isso acontece tanto em *João e Maria* como *Branca de Neve e os sete anões*.

As bruxas tradicionais são configuradas pelo escritor de uma forma que não nos surpreende, de forma alguma, mas as bruxas contemporâneas são totalmente o contrário, nunca sabemos o que acontecerá com elas até concluirmos a leitura.

As imagens de várias bruxas dos contos tradicionais povoam o imaginário desde os contos tradicionais da Idade Média. Perrault e os Irmãos Grimm em diversas histórias registraram essas figuras perigosas e assustadoras, como a bruxa de *João e Maria* ou a madrasta de *Branca de Neve*.

A imagem que se forma da bruxa é totalmente estereotipada, porque quando se fala em bruxa produz-se a imagem da personagem má, horrorosa e que causa medo. Os contos de fadas e bruxas, além de distraírem as crianças, esclarecem sobre elas mesmas e favorecem o desenvolvimento de sua personalidade.

As bruxas nos contos tradicionais são caracterizadas como uma velha decrepita, feia e malvada, mas isso muda nas personagens contemporâneas, são mulheres de todas as idades, que não mais configuram a maldade e sim vem substituir a personagem fada dos contos tradicionais.

A personagem bruxa passou por grande transformação, assim como todos os outros personagens dos contos de fadas. Essas histórias que encantaram e encantam na atualidade as crianças fazem parte do grande acervo de contos e fábulas da literatura infantil-juvenil.

I – A BRUXA E O MITO DA MALDADE

1.1 A construção do mito

O mito era visto nos primórdios como “sagrado”, e esse discurso era percebido como verdade, porque vinha da forma como o narrador discursava. Para que se possa entender o mito, primeiro será necessário apontar as definições entre o sagrado e o profano.

Segundo Eliade (2001) O homem só toma conhecimento do sagrado a partir do momento em que se mostra totalmente afastado do profano, pois suas concepções passam a ser tratadas de forma divergente. Porque o sagrado toma a forma de algo absolutamente místico, algo misterioso, que não pertence ao mundo natural e profano.

Assim o homem moderno rompe com o sagrado e acaba cada vez mais suscetível ao profano. Apesar desse rompimento, esse desligamento jamais será num estado pleno, pois o homem está sempre apto aos traços de valorização religiosa do mundo. O espaço do sagrado consiste de um viver real, do qual existe um mundo e que no espaço do profano consiste de necessidades diárias, de um viver mundano.

O espaço do sagrado torna-se uma vivência real totalmente voltada para religiosidade, um lugar onde o homem pode se encontrar a qualquer momento com os deuses, com o sobrenatural, sem estar ligado às satisfações da vida diária e mundana do espaço do profano, no qual o homem não tem tempo para pensar. Vive em um mundo fragmentado, ou seja, vive de acordo com as regras ditadas pela sociedade capitalista que visa o consumo e nunca uma vivência de mundo, ou experiência de uma vida religiosa.

A partir dessa concepção de que o sagrado vem de um espaço sobrenatural, o homem se encontra consigo mesmo e com Deus, diferentemente do espaço do profano, que faz com que o homem só encontre uma vida na correria da vida diária. Mas em algum momento esses espaços se encontram, o espaço do profano acaba por ter uma existência do sagrado mesmo que de forma invisível e essas experiências que o próprio homem considera como sagradas são momentos de sua existência de vida.

Com essa concepção de que sagrado e profano de alguma forma encontram-se dentro do mundo, tornando-se as experiências de vida dos seres humanos, o mito é apresentado como modelo exemplar para toda espécie de criação e construção e constitui-se como sagrado a partir da aparição da narrativa que na sua maioria irá relatar fatos fantásticos que o narrador provavelmente presenciou.

As narrativas que hoje conhecemos como destinadas para crianças, antes eram de fato destinadas para os adultos, porém, por meio de várias transformações, acabaram por se converter em Clássicos da Literatura Infantil.

Os contos de fadas surgem a partir do mito, começando ser escritas para as crianças a partir do século XVII, quando passam a ter seu lugar na sociedade. Os grandes percussores desses contos foram os Irmãos Grimm¹, Charles Perrault, La Fontaine e Hans Christian Andersen que recolheram o maior acervo de contos e lendas germânicas e populares e assim criaram as narrativas fantásticas e maravilhosas. Machado nos diz que:

[...] provavelmente, pelo fato de que esses contos são criações populares. Isso significa que foram feitos por artistas do povo, que ficaram anônimos, não por escritores que ganharam a celebridade e o reconhecimento. E que trabalharam coletivamente – quem contava um conto aumentava um ponto, acrescentava uma situação, modificava um detalhe, repetia um elemento. Não foram obras de um único autor, consciente de seu ofício, trabalhando elaboradamente em cima de uma idéia. Durante muitos e muitos séculos, nem ao menos foram escritos. Sobreviveram e se espalharam por toda parte graças à memória e à habilidade narrativa de gerações de contadores variados, que dedicavam parte das longas noites do tempo em que não havia eletricidade para entreter a si mesmos e aos outros contando e ouvindo histórias. (2002:69)

Essas narrativas populares fazem parte do grande acervo da literatura infantil ocidental. Dentro desses contos maravilhosos encontramos várias histórias infantis que fazem parte da vida de muitas crianças, e se tornaram mitos, pois nos tempos modernos encantam as crianças com seus contextos fantásticos, mágicos e sobrenaturais.

Essa história era conhecida como literatura popular, em que havia intenção de passar determinados valores ou padrões a serem respeitados e seguidos. Que por sua vez, nasceram do domínio da lenda, do maravilhoso e do mito. Para assim povoar o universo maravilhoso dos contos infantis.

O mito é um discurso pronunciado para os ouvintes que o recebem como uma verdadeira narrativa por que confiam no que se está sendo narrado, carece da autoridade na pessoa do narrador. Essa autoridade vem do fato de que provavelmente ele presenciou ou recebeu a narrativa da pessoa que testemunhou esse acontecimento.

¹ Os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm Grimm, são dois alemães famosos por registrar várias fábulas infantis. Nos contos escritos pelos irmãos Grimm, sempre há uma mensagem positiva que se pode tirar das aventuras dos heróis e do castigo dos vilões! As bruxas, monstros, lobos e dragões usados nas histórias serviam como um alerta para as crianças se afastarem de estranhos e obedecerem aos pais, por exemplo. De qualquer modo, nas histórias dos irmãos Grimm, as pessoas bondosas são premiadas e as maldosas são castigadas. Não é sempre que isso acontece na vida real, mas na fantasia dos irmãos Grimm quem merece sempre ganha um final feliz.

O mito faz parte do contexto histórico da raça humana desde que se fala de deuses, duendes, fadas e bruxas. Ele faz parte do universo maravilhoso, e das forças da natureza e caminha junto com a história, ele corresponde à parte obscura e enigmática do contexto histórico enquanto a história corresponde à parte mais clara e apreensível do pensamento lógico.

Esse universo maravilhoso começou com os povos celtas que surgiram na Europa Central, eram povos que possuíam uma sociedade justa, sem preconceitos, na qual homem e mulher tinham o mesmo valor, chamada de sociedade matrifocal², a mulher possuía um conhecimento muito grande e era muito respeitada nas aldeias.

Os celtas eram povos do campo, extremamente religioso, acreditavam profundamente na natureza espiritual e nos mistérios sobrenaturais. As primeiras mulheres que ficaram conhecidas como bruxas vinham desse povo. Elas cultuavam poderes sobrenaturais e eram consideradas sacerdotisas tidas como magas e profetisas, desta formas dotadas de virtudes, mas muitas vezes encarnavam o mal. Assim nos diz Coelho.

Podem ainda encarnar o mal e apresentarem-se como o avesso da imagem anterior, isto é, como bruxas. Vulgarmente se diz que fada e bruxa são formas simbólicas da eterna dualidade da mulher ou da condição feminina. Se há personagem que, apesar do correr dos tempos e da mudança de costumes, continua mantendo poder de atração sobre adultos e crianças. (2003:72).

As mulheres celtas possuíam o dom do sobrenatural, mas nem sempre esse poder era usado para o bem, desta forma é que ficou conhecida por bruxas e dessa forma sua fama foi introduzida na Literatura Infantil através da criação da personagem.

A personagem bruxa não só ficou conhecida por meio disso, mas o que a transformou em um mito foi como era retratada a maldade nos contos infantis. Mesmo na atualidade quando se fala na bruxa de *João e Maria*, vem logo nas cabeças das crianças a mulher feia que assusta e só sabe fazer o mal para as pessoas.

A bruxa se configura no imaginário infantil como uma velha que só faz maldade, figura esta que é muito bem conhecida pelas crianças. No mesmo momento que inspira medo,

² O termo "matrifocal" é comumente utilizado para descrever uma cultura e espiritualidade centrada na figura materna e mais atualmente, feminina como um todo. A cultura e espiritualidade matrifocal, pelo contrário, baseia-se na igualdade de todos os seres, unidos pela irmandade diante de um mesmo cerne: a Grande Mãe, o Divino Feminino, precursor de todo e qualquer senso de divino adotado pelo ser humano, para descrever concretamente o grande mistério doador e mantenedor de toda a vida e existência.

ela também inspira compaixão, pois as coisas nunca dão certo para ela e no final ela acaba por ter um fim triste.

Já nas obras contemporâneas encontramos Uxa, ora fada, ora bruxa de Sylvia Orthof, que é uma bruxa que quando é boa se veste de fada e tenta ajudar todo mundo mas acaba atrapalhada, quando é má se veste de bruxa, mas suas ações acaba dando certo pois assim ajuda realmente as pessoas, Uxa é fada e bruxa muito travessa, assim consegue realizar seus desejo de ajudar as pessoas.

A maldade dessa personagem ficou sedimentada no imaginário infantil, talvez seja isso que dificulte a mudança da configuração da bruxa na literatura moderna, porque essa personagem tradicional ficou marcada pelo mito da maldade e do medo que ela transmitia.

Esse mito da maldade fez com que essa personagem sofresse muito preconceito e nunca tivesse um lugar certo na literatura tradicional, mas isso está se modificando, pois na literatura moderna, a bruxa ganha o papel principal. Mesmo assim a bruxa será lembrada como uma personagem que perpetua a maldade.

Apesar dessa configuração da bruxa tradicional, as mudanças tornaram-se visíveis nos contos infantis modernos, pois suas ações nos contos tradicionais são umas e nos contos contemporâneos são outras.

O mito foi fundamental para a mudança que aconteceu na literatura infantil, porque participou dessa transformação, pois antes de ser pronunciado como maravilhoso, o mito era considerado como sagrado e assim tinha a função de verdade na narrativa e talvez isso tenha feito com que a bruxa se tornasse, por assim dizer, tão real no imaginário infantil.

Nas vivências míticas e religiosas que estão contidas nessas narrações. O mito sendo modelos exemplares servem para todos os tempos, pois revelam como a narrativa surgiu e como faz parte do mundo. Visto que revelam também a criação dos acontecimentos primordiais; a pessoa que ouve é projetada magicamente para a criação do mundo, e o mito nada mais é que a repetição de acontecimentos sagrados. Assim nos afirma Eliade:

[...]Mito cosmogônico implica a reatualização do acontecimento primordial, segue-se daí que aquele para quem se recita o mito é projetado magicamente *in illo tempore*, ao 'começo do mundo', tornando-se contemporâneo da cosmogonia. Trata-se, em suma, de um *regresso ao tempo origem*, cujo fim terapêutico é começar outra vez a existência, nascer (simbolicamente) de novo. A concepção subjacente a esses rituais de cura parece ser a seguinte: *a vida não pode ser reparada, mas somente recriada pela repetição simbólica da cosmogonia*, pois, como já dissemos, a cosmogonia é o modelo exemplar de toda criação. (2001:74)

Essa repetição implica no ritual de pré-santificação, uma realidade criada há milhares de anos que ainda está guardada na memória dos homens religiosos. Esses homens desejam viver o mais próximo possível do mundo divino e isso significa estar mais perto possível dos deuses; essa religiosidade equivale a viver na presença divina, mesmo essa presença sendo “misteriosa” que só pode ser vista ao se manifestar. O espaço sagrado é a intenção de o homem reintegrar-se à criação do mundo, do sobrenatural.

Estar na presença divina é necessariamente viver numa época em que os deuses, bruxas e semideuses viviam ativos sobre a terra, viver nessa presença significa retornar à santificação divina. Esse retorno ao tempo sagrado para os homens modernos, que vivem no espaço do profano é insuportável e ao mesmo tempo humilhante.

A revelação de todas as coisas é exposta como uma verdade absoluta e inquestionável. Essa revelação sagrada é real com plenitude. Assim tudo que não participa do *Ser* é profano, pois o profano não foi fundado pelo mito, e assim não possui modelo exemplar.

Tudo o que os deuses e seus antepassados fizeram, a respeito das atividades criadoras pertence à esfera do sagrado, pois participa do *Ser*. Pode-se dizer que tudo que o homem faz por si, sem modelo mítico, faz parte da esfera do profano. Então a manifestação dos deuses na criação é parte do sagrado e as atitudes de criações dos homens sem pensar na religiosidade, será sempre profano. Os homens só se reconhecem como homens quando imitam os deuses, os heróis e os antepassados míticos, e assim assumem-se como homens religiosos e se aproximam cada vez mais do passado mítico da criação.

Marilena Chauí nos diz que *O mito narra a origem das coisas por meio de lutas, alianças e relações sexuais entre forças sobrenaturais que governam o mundo e o destino dos homens. Como os mitos sobre a origem do mundo são genealogias* (2002:30), então o mito revela as coisas de um passado imemorial, longínquo e fabuloso, narra a criação do mundo e dos deuses e dos seres mágicos, como aconteceram as lutas e rivalidades ou alianças entre forças divinas sobrenaturais e personalizadas.

Mais importante, o mito possui sua contradição com o fabuloso e o incompreensível porque esse era traço próprio da narrativa mítica, como também porque a confiança e a crença no mito vinham da autoridade religiosa do narrador.

Tais mitos continuam engendrando uma verdadeira literatura por intermédio de novas linguagens simbólicas. Reis, rainhas, princesas, príncipes, fadas, bruxas, concepções mágicas, heróis desafiados por grandes perigos para conquista de seu ideal, objetos mágicos, duendes, anões, tesouros ocultos, dragões, gigantes, provas iniciáticas são, em essência, símbolos engendrados pelos mitos de origem.

Uma personagem que possui poderes mágicos e com ele pode fazer tanto o mau quanto o bem, mas nos contos tradicionais, são configuradas em plena maldade.

Pertencentes ao mundo do mito, fadas e bruxas ocupam um lugar privilegiado na aventura humana, que é o imaginário infantil. Limitado pela materialidade de seu corpo e do mundo em que vive, é natural que o ser humano tenha precisado sempre de mediadores mágicos. Entre ele e a possível realização de seus sonhos, ideais, aspirações sempre existiram mediadores e opositores. Os primeiros (fadas, talismãs, varinhas mágicas) para ajudar; os segundos (gigantes, bruxas, feiticeiros) para atrapalhar ou impedir seus desígnios.

Através desse passado imemorial do mito se dá influência aos acontecimentos futuros da cultura, o mito é vivo e corresponde à conduta humana no decorrer dos séculos, como nos diz Eliade.

Em primeiro lugar, as sociedades onde o mito é - ou foi recentemente- 'vivo' no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo significação e valor à existência. Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria nos nossos contemporâneos. (2000: 08).

As histórias do ser humano são influenciadas pelo mito, mas com o decorrer dos séculos o sentido dessa palavra se transformou; nos primórdios tinha uma significação sacra, verdadeira, depois o valor da sua significação modificou-se para a ficção, algo que existe no imaginário ou algo que não existe que deixou de ser sobrenatural e sagrado.

A primeira manifestação do mito se dá através do pensamento religioso e do pensamento mágico, percebe-se então que, a partir desses pensamentos, tanto na Bíblia, como no antigo mundo grego-latino, podemos encontrar um vasto mundo mitológico, assim como nos contos de fadas. Eliade nos diz:

O mito conta uma história sagrada: ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma 'criação': ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. (2000: 11)

Mesmo sendo o mito algo arcaico nunca se teve dúvida de sua característica de história verdadeira e de significado sagrado. Até porque os mitos eram histórias contadas

oralmente, assim suas significações eram consideradas como verdadeiras e exemplares e tinham a ver também com o contexto social vivenciado pelas sociedades tradicionais.

O mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo de como as coisas aconteciam no passado, e isso pode-se encontrar nos contos de fadas que relatam exatamente essa representação coletiva de fatos que aconteciam, mas de uma forma fabulosa e maravilhosa.

Desta forma a personagem bruxa, assim como todos os personagens dos contos de fadas, era uma representação coletiva, mas a maldade da bruxa ficou conhecida de gerações a gerações, mas de uma forma mais mágica e maravilhosa.

Nos rituais contemporâneos os povos tendem a renovar tudo o que é referente ao mito e apto à repetição das ações dos deuses e os heróis como nas epopéias latinas e gregas das quais seus heróis são mito e lenda de feitos fantásticos e inimagináveis, assim como Aquiles, Enéias, Odisseu e outros.

Esses mitos que foram levados para os contos de fadas, nos quais os príncipes ou os camponeses passaram por peripécias, buscaram o desconhecido, tornaram-se heróis e renovaram os grandes mitos que os gregos e latinos criaram. Diferentemente a personagem Medéia não passa por essa peripécia, pois é consagrada com a maldade que é capaz de fazer.

Medéia é uma personagem que nos espanta por suas ações, contra seus próprios filhos, sua maldade começa na fúria da traição que sofreu capaz de atitudes hediondas, não se cansa de vingar aquele que a prejudicou no passado, a verdadeira personificação da maldade.

Medéia, que na mitologia grega representa o trágico, detentora de saberes mágicos e considerada mulher de feroz caráter, de hedionda natureza e espírito implacável, considerada uma feiticeira que possuía conhecimentos profundos das artes mágicas, inspirou os escritores germânicos e suas habilidades foram retratadas nas histórias infantis, com a personagem bruxa que passou a ser um dos personagens mais inseridos nos contos de fadas.

Os gregos foram os criadores do maior acervo de narrativa mitológica da humanidade e foram considerados uma grande civilização, suas obras sobrevivem em sua integridade - justamente as que foram feitas de palavras, o vento não levou e o tempo nada conseguiu contra elas e fazem parte do cotidiano da vida de várias pessoas nos tempos atuais. A nossa linguagem está cheia de suas referências aos antigos mitos greco-romanos de tanto que eles nos influenciaram e, cada referência dessa remonta toda uma história.

As temidas bruxas medievais seriam, na verdade, simples mulheres camponesas, que por viverem em intenso contato com a natureza, eram conhecedoras das ervas medicinais, que podiam tanto curar como também matar. Conheciam as ervas abortivas e contraceptivas, o

que as permitia exercerem livremente sua sexualidade, fato que por si só já era considerado crime e pecado. Possuíam uma crença em deusas e deuses pagãos, sendo por isso identificadas como hereges pelas autoridades eclesiásticas.

A partir dessa perspectiva introduziram-se as personagens bruxas nos contos infantis, que são essas personagens vistas nos contos tradicionais como a personificação do mal. Eliade nos diz:

Os personagens dos mitos são Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos, sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos 'primórdios'. Os Mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a 'Sobrenaturalidade') de suas obras. (2000: 11)

A personagem bruxa era configurada por meio de suas ações que vêm desde os primórdios e através delas revela o maravilhoso e o fantástico e se constitui como um mito, pois a característica que mais a revela seu eu é a maldade que ficou muito conhecida nos contos de fadas.

Os mitos revelam a sua "sobrenaturalidade" ou a sacralidade das suas obras. Eles revelam e descrevem as diversas e freqüentemente dramáticas eclosões do sagrado ou sobrenatural no mundo. É esta eclosão do sagrado que funda, que dá origem ao mundo tal como é hoje. O mito aparece e funciona como mediação entre o sagrado e o profano, condição necessária à ordem do mundo e às relações entre seres.

1.2 As configurações da bruxa nos contos de fada

As personagens dos contos de fadas vivem um enredo e uma idéia construída pelo autor e por esse motivo é o que há de mais vivo nas histórias infantis, e que sua leitura depende basicamente da sua aceitação como verdade da personagem por parte do leitor.

É por esse motivo que muitas vezes perdoamos os erros mais graves do enredo e de idéia dos grandes criadores de personagens. As personagens são seres fictícios, mas isso será real se eles forem verossímeis, ou seja, mesmo sendo seres fantásticos, devem exprimir a mais lídima verdade.

Antes de tudo, existe uma relação de afinidade e a diferença entre o ser vivo e o ser fantástico e essas diferenças são tão importantes quanto as afinidades, pois são responsáveis por criar um sentimento de verdade que é a verossimilhança.

Nas histórias infantis tradicionais as personagens mostram-se de uma forma fragmentada, incompleta para os padrões das histórias modernas. Esses personagens são de alguma maneira elaborada por um escritor que estabelece racionalmente uma época, do qual as estruturas colocadas nas personagens são os conhecimentos de outra pessoa.

A simplificação dessa personagem pode existir a partir das escolhas de gestos, frases, objeto significativos que o marcam para o leitor. Alguns das personagens dos contos infantis são identificadas por gestos e frases, até mesmo a forma visual com a qual é configurada dentro da história.

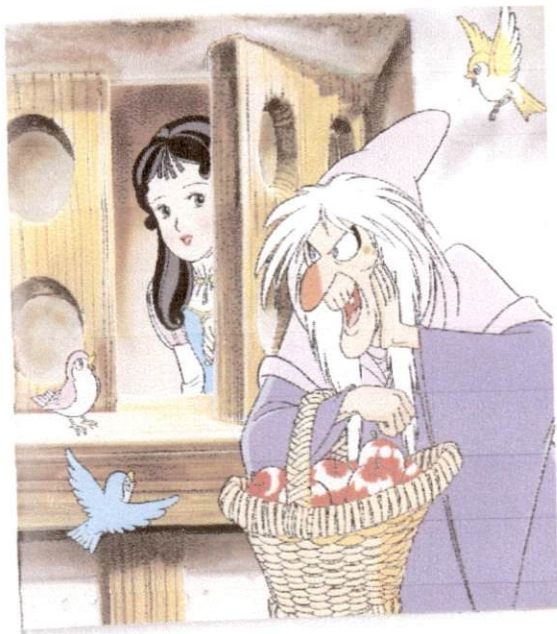


Imagem hedionda
Verruga no nariz
Roupa escura
Vassoura
Poções envenenadas
Maldade
Horror

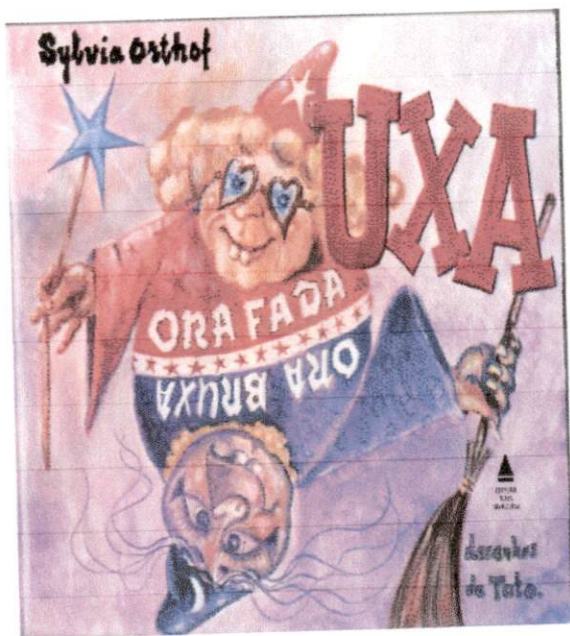


Imagem exótica
Roupas com cores berrantes
Vassoura
Varinha mágica
Doce puxa-puxa
Bondade
Extravagância

Percebemos nas imagens que a transformação que a personagem bruxa vem sofrendo é bastante significativa, pois a bruxa de *Branca de Neve e os Setes Anões*, por exemplo, vem carregada de maldade e sua configuração é totalmente diferente da bruxa contemporânea. Os

aspectos entre as bruxas tradicionais e contemporâneas podem ser percebidos com o contato com as obras atuais. A obra *Uxa, ora fada, ora bruxa*, mostra uma personagem que vive com duas personalidades, um dia quer ser uma fada e no outro dia cansa de ser fada e vira bruxa, em nenhuma situação sua personalidade se mostra má como as bruxas dos contos de fadas tradicionais.

Sua personalidade, por assim dizer, acaba por se tornar repetitiva, pois sua ação dentro da história tradicional é sempre a mesma.

A interpretação que temos dessa personagem é exatamente aquilo que o escritor pretendia. Logicamente, cada ser humano faz uma interpretação diferente dessa personagem. Afinal, o autor deu à personagem uma linha de coerência fixada na história, uma coerência estabelecida pelo escritor, que naturalmente buscou a forma mais lógica para construir tal personagem. Conforme nos afirma Candido.

[...] o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. Dai ser ela relativamente mais lógica mais fixa do que nós. E isto não quer dizer que seja menos profunda, mas que a sua profundidade é um universo cujo dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecidos pelo seu criador, que o selecionou e limitou em busca de lógica. (1972: 59).

As personagens dos contos de fadas tradicionais são relativamente menos profundas que as personagens da modernidade, mas conforme Candido (1972:59) isso se deve à diferença do tempo elas são criadas para seguir um padrão, suas características foram pré-determinadas pelo escritor que, de alguma forma, está ligado à época em que escreveu sua obra.

A personagem tradicional tem simplesmente seu "eu" à mostra através do qual o leitor pode identificar sua personalidade. Mesmo com seu universo a mostra o escritor é capaz de utilizar recursos nessa personagem, se tem impressão de infinito em suas riquezas e de alguma forma aprende-se com essa personagem.

As bruxas das histórias modernas estão cada vez mais em dificuldades em torno do seu imaginário, ou seja, ela ganhou densidade e suas estruturas são cada vez mais intensas e difíceis. Possuem imaginação, são mais complexas em suas atitudes e idéias, assim ganham traços humanos na complexidade e contrariedade. São retratadas nos contos infantis contemporâneos como personagens caóticas e diferentes, cada vez mais igualadas a seres

naturais, suas características são complicadas, do qual o desconhecido e misterioso pode acontecer. Desta maneira veremos em *Uxa, Ora fada, Ora bruxa* de Sylvia Orthof (1985):

³“Uxa leva um susto e sai correndo
larga dos dois sapatos de cristal,
que já estavam doendo...quer dizer:
os pés é que doíam, os sapatos apertavam...
e Uxa corre, com medo de virar princesa
e ter que ser feliz pra sempre, credo,
e vira bruxa, num de repente
Uf, que alívio é virar bruxa!
Uxa muda de vestido,
coloca outro, bem folgado....
pois Uxa já correu tanto,
parece que criou asa,
e já está mudando de roupa
em sua casa.
Aí Uxa diz: _Chega de ser fada, estou enfadada!
Quero uma boa sopa de bruxa, bem amaldiçoada,
Com rabo de rato, morcego assado,
Pum de velha, melado de faniquito
Amanteigado!
Faço a sopa, mudo de roupagem,
A peruca é de cabelo lelé da cuca,
O chapéu tem uma lua,
A varinha de condão virou vassoura,
e lá vou eu, cansei de ser
tão boa.....
e loura!”.

A partir da teoria de Barros⁴ (2005) sobre o percurso gerativo dos sentidos⁵, que nos propõem uma análise dos elementos constituidores do sujeito da enunciação, faremos esse percurso em todas as citações das obras dos contos de fadas. Deste modo analisaremos todos os elementos constituidores da personagem Uxa.

- *Sapatos de Cristal*: Nos contos tradicionais só usavam sapatos de cristais as fadas e as princesas, já nos contos modernos Uxa que pode ser fada e bruxa usa sapatos de cristal, mas se cansa, pois ele apertava.

³ A obra “Uxa, Ora fada, Ora bruxa”, não possui numeração de páginas.

⁴ A análise sobre o percurso gerativo dos sentidos está baseada na obra “Teoria semiótica do texto” de Diana Luz Pessoa de Barros. Em todas as citações de obras literárias desse trabalho será necessário fazer a análise do percurso gerativo do sentido.

⁵ “O percurso gerativo dos sentidos”, tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos. Em outras palavras, os percursos são constituídos pela recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente. (Diana Luz Pessoa Barros).

- *Princesa*: Eram personagens principais dos contos tradicionais, mas obra Uxa foge do príncipe por que não quer virar princesa e que já é cansativo ser fada e bruxa ao mesmo tempo.
- *Ser feliz para sempre*: Normalmente somente os personagens bons tinham final feliz, mas Uxa não quer nem sabe de ser feliz para sempre, pois para ela é bom não ser tão feliz já é ótimo, na obra ela tem um final de certa forma comum.
- *Varinha de condão*: A varinha de condão era usada por seres mágicos, com grandes saberes profundos, na maioria das vezes somente as fadas usam a varinha, Uxa, quando é fada usa varinha, mais quando é bruxa usa vassoura.

Uxa é uma personagem caótica e diferente porque quebra com os padrões clássicos, apresenta-se de uma forma diversificada, pois não sabe ao certo se quer ser fada ou bruxa e na maioria das vezes é um pouco de cada. Quando é fada acha que não é tão boa assim e quando é bruxa não é tão má. Ela é o meio termo das suas duas personalidades.

A personagem acha que não suportaria “viver para sempre”, pois para ela seria muito chato “Uxa corre, com medo de virar princesa e ter que ser feliz pra sempre, credo”, Uxa gosta mesmo é de fazer as pessoas felizes, mas no seu termo, afinal de conta é fada e bruxa.

Candido nos afirma que [...] *passagem do enredo complicado com personagens simples, para o enredo simples (coerente, uno) com personagem complicada. O senso da complexidade da personagem, ligado ao da simplificação dos incidentes da narrativa e à unidade relativa de ação.* (1972:60). A personagem passa por uma metamorfose em suas características e se afirma no contemporâneo com enredo simples e personagem complicada, a personagem adquire uma complexidade em seu ser e de certa forma as personagens modernas possuem uma densidade psicológica e isso se afirma nos monólogos das histórias modernas.

Afirma-se que as personagens tradicionais são consideradas planas, de certa maneira, são construídas puras em torno de uma única idéia ou qualidade, nunca surpreendem os leitores e suas atitudes dentro das histórias não mudam. Essas personagens consideradas planas é o primeiro estágio para se chegarem às personagens esféricas, que não são claramente definidas na história, são capazes de nos surpreenderem com suas atitudes e suas complexidades.

Uma das personagens dos contos de fadas que podemos considerar plana é a bruxa da *Branca de Neve e os Sete Anões* (1991:06) dos Irmãos Grimm, ela não nos surpreende e sua atitude sempre é a mesma em relação à personagem principal da história que também é plana, a maior definição de seu caráter é a maldade sempre exposta de uma maneira diferente.

Porém, desta vez o espelho respondeu:
 _Ó minha rainha! Agora Branca de neve é a mais bela de todas!
 A rainha, furiosa de inveja, resolveu chamar um caçador e disse:
 -Leve Branca de Neve à floresta, mate-a
 E traga seu coração, para eu ter certeza de
 que você cumpriu minhas ordens.

Os elementos constituidores da madrasta:

- *Furiosa de inveja:* A madrasta da Branca de neve, não é capaz de ter um bom sentimento, e sua maldade começa através da inveja que tem da sua enteada.
- *Mate-a:* A personagem bruxa chega ao ponto de mandar matar a enteada.
- *Traga seu coração:* Além de mandar matar Branca de Neve à madrasta ainda manda levar o coração como prova de sua morte.
- *Espelho:* O espelho é fundamental, pois é o objeto mágico da obra, mais é através dele que a madrasta sabe que Branca de Neve está viva.

O elemento mágico presente nesta história é, sem dúvida, o espelho, autor das relações que desencadeiam os fatos. Em nenhum momento se questiona a existência mágica desse espelho, pelo contrário, ele é um elemento inerente aos fatos sem perplexidade.

De uma forma totalmente diferente das histórias clássicas temos a *Uxa, Ora fada, Ora bruxa* de Sylvia Orthof, que é simplesmente esférica, pois ao mesmo tempo em que é bruxa quer ser fada e sempre tenta ajudar as pessoas, apesar das coisas não darem certo para ela, contudo, não podemos considerar isso como maldade; essa personagem possui uma grande densidade psicológica.

Uxa muda muito de opinião: tem dia, em que ela só diz:
 Sim, claro, lógico,
 É verdade, naturalmente,
 Concordo plenamente.
 Mas tem dias, em que Uxa acorda dizendo:
 - Não, escuro, ilógico,
 É mentira, negativamente,
 Não concordo plenamente.

Os elementos constituidores de Uxa:

- *Muda muito de opinião:* Uxa sendo uma personagem moderna, e caracterizada como uma pessoa, age como ser humano mudando de opinião constantemente.

- *Verdade, naturalmente:* No dia que Uxa é fada, só tem pensamentos bons e claros.
- *Mentira, negativamente:* No dia que Uxa é Bruxa, só tem pensamentos negativos e escuros.

A partir das características estabelecidas as bruxas contemporâneas agem como se vivessem ou fossem seres vivos humanizadas, para que isso aconteça devem agir como pessoas reais dentro da história. Isso causa o efeito de verossimilhança. Desta maneira, deve viver em um universo de ação e de sensibilidade que pareça com o mundo real.

A personagem bruxa, que foi criada por meio de relato oral, é reproduzida de acordo com a idéia do autor que recolheu suas características por meio deste fato criou-se um espaço no qual a personagem está inserida. Esse espaço criado nas histórias tradicionais se modificou nos contos modernos, essa personagem também se transformou e projeta-se cada vez mais com ações reais.

Essa nova personagem vive em um mundo fictício e obedece a suas próprias vontades, ou seja, tem mais autonomia que a personagem dos contos tradicionais, ela é mais nítida e consciente, possui contorno mais definido.

A natureza da personagem dos contos de fadas depende da concepção que preside a história e das intenções do escritor para tal personagem; ela agirá de acordo com o panorama em que será inserida e suas atitudes terão de ser significativas e concretas independentes do gênero que estará inserida.

Não é somente por meio das intenções do escritor que isso se dará, mas a personagem depende da relação com a origem da vida e a estrutura de uma realidade exterior, a verossimilhança propriamente dita dá união/ fusão de um mundo fantástico com o mundo real. É por meio desses princípios que a obra se torna totalmente verossímil. O irreal apenas se torna real conforme os valores e ordenação que norteiam a história e os dados que a compõem devem parecer os mais autênticos possíveis.

Pode-se dizer que as personagens de ficção são contextualizadas por meio da composição verbal, e a forma como as palavras se estruturam a tornam coerente e verídica. Essa configuração é fundamental para as personagens, ainda mais as dos contos de fadas, como a bruxa, que tem sua estrutura toda apresentada dentro do conto, sendo ele moderno ou tradicional. Ela é elaborada através da descrição do seu ser, isso é a concretização de sua existência. Candido nos afirma que:

[...] organizando-os de maneira adequada. Por isso, a despeito do caráter fragmentário dos traços constitutivos, ela existe com maior integridade e nitidez do que um ser vivo. A composição estabelecida atua como uma espécie de destino, que determina e sobrevoa a sua totalidade, a vida de um ser; os contextos adequados asseguram o traçado convincente da personagem, enquanto os nexos frouxos a comprometem reduzindo a inexpressividade dos fragmentos. (1972: 79)

A personagem na sua composição tenta ser o mais convincente possível e de certa forma o escritor almeja fazer com que ela tenha integridade e nitidez para ser verossímil como um ser vivo, mas ela consegue se tornar uma personagem fragmentada, como se faltasse algo na sua configuração.

Uxa sim é muito verossímil com seu contexto e consegue ser o mais humano que umas personagens podem ser, percebemos isso em trecho da obra que a humaniza como “os pés doíam”, “medo de virar princesa” “só pago com afeição”, esse são alguns exemplos dentro da obra que faz com que Uxa seja mais humana e verossímil.

Os elementos que o escritor escolhe para nos apresentar a personagem física ou espiritualmente são fundamentais para que possamos ter uma imagem mais clara e profunda do seu modo-de-ser.

Uma das coisas mais importantes dentro do conto é a descrição dos pormenores que apresentam a noção da realidade. Cada elemento mencionado tem um valor inquestionável. Isso ocorre nos contos tradicionais, mas nos contemporâneos os escritores optam por monólogos, através dos quais as personagens são umas fontes inesgotável de consciência.

Candido afirma que *A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo.* (1972:59). As personagens tradicionais possuem um sentido mais romântico e tudo depende do enredo, não têm consciência, tudo é feito por meio da descrição e do acontecimento narrado e a personagem simplesmente seguia o cronograma sem se expor. Candido nos afirma que de outra maneira acontece com as personagens modernas, pois, estas são configuradas de maneira a possuir traços psíquicos e elementos que faz com que seja humanizada:

Isto é possível justamente porque o trabalho de seleção e posterior combinação permite uma decisiva margem de experiência, de maneira a criar o máximo de complexidade, de variedade, com um mínimo de traços psíquicos, de atos e de idéias. A personagem é complexa e múltipla porque [...] pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os comparamos com o máximo de traços humanos que pulam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas. (1972: 59-60).

As consciências que as personagens modernas produzem em seus monólogos causam o poder de convicção de que a realidade é possível nas histórias fictícias. Para que a personagem consiga o sentimento de realidade vai depender da unificação dos fragmentos para se ter uma organização do contexto, a partir disso a realidade do ser fictício passa ser verdade, é o princípio para que se possa lhe infundir vida, calor e ter a coerência atuantes dos seres vivos.

Então as personagens tradicionais podem ser consideradas fragmentárias, pois, não possuem as personalidades próprias e os enredos são simples e não produzem a verossimilhança, o que atualmente é diferente nos contos modernos, o ser fictício parece mais real, isso se deve pela a unificação do espaço da interpretação como seres vivos.

1.3 A instauração do medo nos contos de fadas

Os mitos eram tudo que se instaurava como sagrado, além de serem exemplares, e os contos de fadas também eram percebidos como exemplares. Com o passar dos séculos houve uma modificação, os contos infantis e os personagens, adquiriram características sobrenaturais e maravilhosas, dentro desses contos algo totalmente mágico acontecia. E assim também os personagens infantis se tornaram míticos.

Como conteúdos da sabedoria popular, com os conteúdos essenciais da condição humana, é que esses contos de fadas são importantes, mas antes de ser reescritas para as crianças essa literatura era voltada para as crianças, perpetuando-se até hoje. Neles encontramos o amor, os medos, as dificuldades de ser criança, as carências (materiais e afetivas), as auto-descobertas, as perdas, as buscas, a solidão e o encontro.

Os personagens dos contos infantis vêm sempre em oposição, ou seja, para o bem tem-se o mal, para a fada tem-se a bruxa, e assim por diante, e é por meio dessa concepção que se instaura o medo como forma de disciplinar as crianças. Os personagens maus dos contos de fadas causavam medo nas crianças, por isso eram utilizados para assustar e amedrontar.

O medo vem na figura de personagens como bruxas, lobos, vampiros, lobisomens e magos entre outros que fazem o mal. Na infância, a imagem da bruxa é sempre apavorante.

Sua caracterização física auxilia sobremaneira na construção do medo. Assim nos afirma Zilberman:

E o enfrentamento de uma realidade adversa, que estava encarnada na floresta a que se dirigia e nos entes maléficos que derrotava. Bruxas e outros seres sobrenaturais eram a corporificação do medo ao desconhecido, que devia ser derrotado como prova de qualificação à vida social e adulta. (1998:75)

As personagens bruxas como os outros seres sobrenaturais correspondem às figuras estereotipadas dos gêneros ficcionais do medo. Os contos de fadas estabelecem situações em que as bruxas davam gargalhadas horrorosas, transformavam as criancinhas ou devoravam-nas, isso causava medo sobremaneira nas crianças.

Escondendo a dor, a perda, a violência dos contos, esconde-se o que há de mais verdadeiro nessas histórias. O conto não deve ser só feito de imagens boas, pois não deve ser uma fuga para as crianças se esconderem em um mundo de faz de conta. Mas, conter as passagens de medo, angústia, vingança como um meio de a criança simbolizar seus próprios conflitos.

Os conflitos das crianças são de uma forma mais intensa e o medo fazem-nas perceberem que as coisas ruins também acontecem nas histórias infantis, mas de alguma forma sempre podemos lutar contra o medo e vencê-lo. Assim como tem personagens maus nos contos de fadas, há também personagens bons que sempre triunfam no final da história.

O enredo dos contos de fada também reproduz as histórias de vida das crianças, pois nele o herói sai de casa, passa por privações, enfrenta perigos e conhece a maldade, triunfando no final da história. Na vida, a criança passa por estas modificações: precisa sair de casa, desligar-se dos pais, ir para escola, fazer amigos, saber evitar situações de risco, explorar o mundo a sua volta. Bettelheim afirma:

[...]muito mais do que se tivesse ouvido contos de fadas que dão forma e corpo a estas ansiedades e mostram também os meios de vencer estes monstros. Se nosso medo de ser devorado toma a forma tangível de uma bruxa, podemos nos livrar dele queimando a bruxa no fogo. (1980: 151)

Muitas vezes as crianças têm sim medos de tais personagens, mas na sua imaginação ela destroem os monstros assim como acontece nos contos de fadas, e afirma ainda que as crianças tem que ter mais contato com os contos, pois muitas vezes os próprios contos de fadas ajudam a crescer e se tornarem adultos conscientes e responsáveis.

Além do mais, esses monstros que povoam o imaginário das crianças, fazem com que elas aprendam, com o medo que sentem, a lutar. Ao mesmo tempo faz com queiram mais e mais histórias e contos.

Desejo e medo são elementos fundamentais para a evolução dos seres humanos, uma vez que temos medo do que desejamos e desejamos o que nos faz medo. Os temores que temos devem ser enfrentados, isso fará a criança crescer. Os personagens contemporâneos não mais geram medo, e sim muitas vezes são cômicos e isso é algo normal para obras modernas. Ao escutar histórias que provocam medo, a criança estabelece um vínculo entre ela e o personagem, concebendo estratégias para se proporcionar no mundo e compreender o que a rodeia.

A criança para se desenvolver de maneira equilibrada, harmoniosa, tem necessidade do sonho, do imaginário, histórias que incluem elementos, assustadores, que procuram ensinar às crianças a conhecerem e enfrentarem o medo e seus conflitos íntimos.

II – A METAMORFOSE DA BRUXA NOS CONTOS DE FADAS

2.1 A bruxa tradicional X contemporânea

O contexto histórico e mítico esboça a imagem da mulher que se impõe por sua força interior e poder sobre os homens e a natureza. A mulher com poderes sobrenaturais, mulheres de grande poder e beleza, encarnação das forças do bem e do mal.

Embora tenhamos citado em outra ocasião, vale lembrar que as primeiras mulheres precursoras das artes mágicas foram as celtas, que eram consideradas capazes de grandes feitos e poderes mágicos. Naturalmente os celtas eram muito apegados à fertilidade, ao crescimento da família e ao aumento da produção dos animais domésticos e dos campos de produção e isto estava ligado diretamente ao lado feminino da natureza. Obvio que as mulheres celtas canalizavam mais facilmente a energia nas cerimônias, que fossem melhores intermediárias nas cerimônias mágicas.

Os primeiros relatos que surgiram sobre as fadas e as bruxas vieram dos celtas que tornaram-se conhecidos como seres fantásticos ou imaginários. Podem ainda encarnar o bem e o mal e apresentarem-se como o avesso da imagem anterior, isto é, como bruxas. Vulgarmente se diz que fada e bruxa são formas simbólicas da eterna dualidade da mulher ou da condição feminina.

Os contos de fadas trazem consigo algo mágico que são as mulheres que tanto podem ser boas, como más, considerando-se que fadas e bruxas são senhoras de um lugar vitalício nas histórias infantis e juvenis. Cumpre destacar que, para manutenção deste espaço, os perfis de tais personagens passaram por singulares retoques quando não por drásticas metamorfoses.

As transformações sofridas pelos perfis de fadas e bruxas sublinham o caráter transitório e renovador do mundo, já que a cada dia um novo modelo aguarda, impientemente, ser instalado. As fadas e as bruxas, não conseguindo escapar ao império do efêmero, submetem-se às mais recentes técnicas de maquiagem, ao mesmo tempo em que lhes é imposto um atualizado código de ética.

Nos contos de fadas tradicionais a personagem fada é um ser fantástico de grande beleza que se apresenta, na maioria das vezes, sob a forma feminina e jovem. Dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais, interferem na vida do herói para auxiliá-lo em situações-limite, quando uma solução material não seria possível. Representam simbolicamente a capacidade que o homem possui para construir, na imaginação, os projetos que não pode realizar.

A medicina fazia parte da cultura da mulher; técnicas curativas eram trocadas entre vizinhas e passadas de mãe para filha através das gerações. Mulheres eram responsáveis pela cura dentro de ambas as esferas, a pública e a doméstica, assim como na ginecologia e na obstetrícia e muitas delas tinham carreiras distintas como parteiras.

A visão maniqueísta da bruxa apresenta-a como uma personagem-tipo ou plana que é estereotipada. Essa personagem corresponde a um procedimento padrão de maldade que nunca muda suas ações ou reações, sendo sempre má. São senhoras de feições grotescas e de grandes maldades, e até afeitas à Antropofagia, como nos contos *João e Maria* e *Chapeuzinho Vermelho*. As bruxas e os lobos dos contos de fadas são a personificações do mal, assim como os heróis e as fadas são a personificações do bem.

Esses personagens bons e maus das histórias infantis vêm com uma imagem da sociedade, eles simplesmente retratava como o ser humano pode ter dualidade em sua personalidade, isso se percebe nitidamente nos contos. Àries nos diz que na sociedade do século XII, a criança não era percebida como alguém que precisava de cuidados, por isso que não se escreviam histórias para as crianças como se escreve atualmente e nem mesmo se tinha à visão da criança que se tem hoje.

Na sua maioria os contos de fadas retratavam história fantástica que no seu interior revelava a dificuldade da sociedade daquela época e como as crianças eram percebidas. As crianças, até o século XIII, não eram observadas com a mesma visão que se tem atualmente, eram tratadas como adultos e sempre menosprezadas, vistas como um ser inferior, que não precisava de cuidados.

É a partir desse pressuposto que os contos retratavam a sociedade e isso justifica como alguns personagens são capazes de grandes maldades com crianças. Como em *João e Maria* que são dois irmãos que são abandonados pelos pais na floresta e encontram a bruxa. Não é apenas nesses contos de fadas, são milhares que passam por essa trajetória. Àries (1981) nos afirma que foi a partir do século XIII, que a criança passou a ser percebida e tratada como realmente deveria. Passa a adquirir importância dentro da família e da sociedade e vários pintores retratam essa importância em quadro e retrato.

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosas e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. Esse fato é confirmado pelo gosto manifestado na mesma época pelos hábitos e pelo jargão das crianças pequenas. Já assinalamos no capítulo anterior que as crianças

recebem então novos nomes: *bambins*, *pitchouns* e *fanfans*. Os adultos interessaram-se também em registrar as expressões das crianças e em empregar seu vocabulário, ou seja, o vocabulário utilizado pelas amas quando estas lhes falavam. (1981: 28)

É a partir desse século que a criança passa a ser valorizada e tratada como criança e começa a valorizar também seu vocabulário, tão precioso que passa ser utilizado até em algumas obras da época.

Essa valorização da criança faz com que na literatura infanto-juvenil contemporânea não seja mais reprimida e os personagens que cultuam esse universo, tenham a figura totalmente modificada e igualada à dos heróis.

Perceber-se que no imaginário infantil de fadas e bruxas possuem uma estrutura física totalmente diferente, fadas são figuras femininas jovens e belas e a bruxa também uma figura feminina, entretanto, velhas e feias. Então, a partir dessa concepção, todas as mulheres quando jovens são como fadas, e quando envelhecem se transformam em bruxas e isso faz parte da trajetória de vida de todo ser humano.

As bruxas clássicas são personagens de grandes maldades, feias, velhas, grotescas e possuem uma poder mágico, voam em vassouras, e transformam belos príncipes em sapos. Eram sempre mal-humoradas, praguejam contra tudo e todos, ficam sempre a esperas da próxima maldade. Seus olhos secos e apagados funcionam como radares à procura de sua próxima vítima.

Mas as bruxas contemporâneas passam por grandes mudanças, já não é mais a personificação da maldade, na verdade se configuram como fadas, até mesmo na beleza, às vezes são desajeitadas, mas sempre em busca de ajudar as outras pessoas, são caracterizadas com qualidades humanas, ou seja, capazes de fazer o mal e também o bem, são a transfiguração da realidade humana.

2.2 A construção da imagem da bruxa nos contos de fadas

Nesses aspectos quando lemos ou falamos de um conto tradicional essa imagem reflete aquilo que imaginamos que seja uma bruxa dos contos clássicos: uma mulher horrorosa, com risada estridente, velha e corcunda que só sabe fazer maldades; essa imagem surge em nossa mente assim que os conceitos dessa figura são feitos por nosso pensamento.

Normalmente essa era configuração da bruxa nos contos clássicos, mas ocorreu a desconstrução da imagem da personagem bruxa, e quando lemos, por exemplo, *Uxa, Ora fada, Ora bruxa*, aquela imagem concreta e real que tínhamos dessa personagem se modifica completamente.

Uxa é uma personagem que vive a dualidade do ser humano e sua imagem em nossa mente se transforma, pois Uxa modifica de acordo com seu humor, em um momento ela quer ser fada, e fazer bem. Nessa imagem vem conforme a Prado (1986) nos diz as características da Uxa, e assim formamos a personagem, mas quando ela está de mau humor é bruxa, e tem pensamento negativo e se veste de forma diferente, mudando radicalmente a imagem de Uxa. Conforme podemos observar na imagem abaixo:



2- "Uxa, ora fada, ora bruxa", Sylvia Orthof, 1985.

O conceito da bruxa clássica ou contemporânea é que ambas são personagens fictícias incorporadas com a realidade, cada uma de acordo com sua época. Conforme nos afirma Prado:

Por isso que toda arte, literária ou não, é desde sempre concreta. Exige um pensamento que vá às raízes da realidade e seja, também ele, concreto. Nesse momento instantâneo de inclusão e de síntese atinge-se, por analogia, o conceito. Conceito feito figura, imagem, numa relação direta com a mente que o opera. (1986:09):

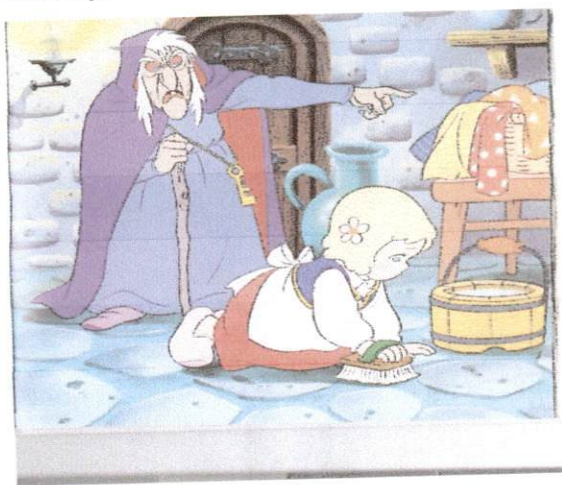
È a partir das diferenças entre as personagens tradicional e contemporânea que se configura o conceito de bruxa e por sua vez a leitura é responsável pela decodificação, ao traduzi-la em novos signos. E que através da personagem bruxa que se obtém ponto semelhante, que é a mudança que essa imagem opera na mente desse leitor.

O significado (o concreto) e o significante (a imagem acústica na mente), juntos são elementos que dão a configuração a essas personagens que foram nomeadas de bruxas.

Quando Prado diz *Um pensamento que vá às raízes da realidade e seja também ele, concreto* (1986: 09), a partir do momento em que construímos um pensamento referente à personagem bruxa, esse pensamento se torna concreto. Isso ocorre porque se forma a imagem acústica da personagem em nossa mente.

Nesse momento, ocorre a inclusão atingida através da fusão entre pontos de semelhança entre coisas diferentes: no caso da bruxa, esse pensamento faz com que as bruxas mesmo sendo configuradas diferentemente em cada época, gerem um conceito a respeito desse personagem e esse conceito se traduz em figura, imagem diretamente na mente que o opera.

Assim, pode-se dizer que a imagem da bruxa já está preenchida imediatamente em nossa mente. Suas características já nos são familiares, como todos os personagens dos contos tradicionais e contemporâneos, pela automatização de um hábito que nos leva a aproximar o convencional, imagem da bruxa, como na história de *João e Maria*, e *Branca de Neve e os Sete Anões*. A imagem da personagem desses contos se apresenta como velha, horrorosa, com risada estridente, a própria personificação do mal, do qual pode-se perceber que nossa mente faz exatamente a imagem da uma figura feminina totalmente má e desfigurada, incapaz de boas ações.



3- "João e Maria", Irmãos Grimm, 1991

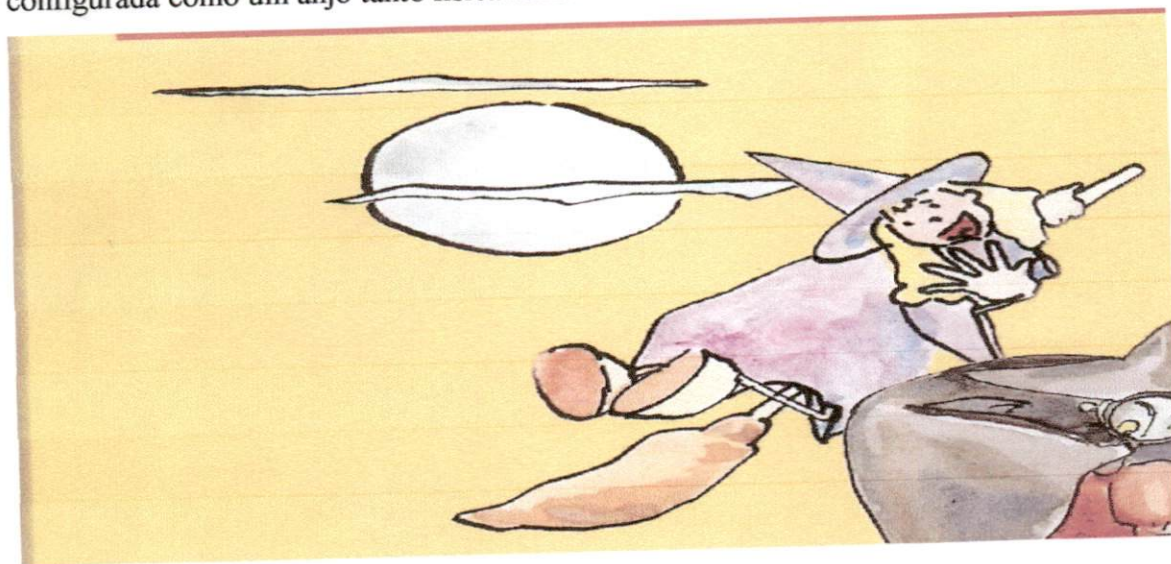


4- "Branca de Neve e os Sete Anões" Irmãos Grimm, 1991

- As bruxas de *João e Maria* e *Branca de Neve e os Sete Anões*, cujas imagens refletem suas maldades, mas mesmo sem ter contato com suas imagens, só a menção de tais personagens faz se ter em mente suas maldades e suas configurações hediondas.

Referindo-nos às bruxas de *João e Maria* e *Branca de Neve e os Sete Anões* percebemos que quando ouvimos falar dessas personagens em especial projetam-se em nossa mente as características que as configuram.

Outro conceito que esta sendo desestruturado, que foi instaurado pelos contos tradicionais é o medo associado à imagem da bruxa. Tal imagem está sendo mudada, por uma simples modificação na configuração da personagem, como em *A bruxinha que era boa*. Na simples citação do nome da Bruxa Ângela perde-se a conotação de má e sua imagem é restaurada de forma diferente da imagem da bruxa dos contos tradicionais. Ângela é configurada como um anjo tanto fisicamente como em suas ações.



5- "A bruxinha que era boa", Maria Clara Machado, 2001.

Ângela é uma bruxinha que não sabe fazer o mal. Na simples menção de seu nome já nos dá a entender que é um anjo. Somente na menção de seu nome faz com que se visualize uma imagem divina, afinal, Ângela não somente é assim mais também age e veste desta maneira.

Ao dizer a palavra bruxa nossa mente tenta fazer uma associação desta palavra com a imagem da bruxa dos contos tradicionais. Desta forma se as crianças tivessem mais contato com essas obras aqui citadas, elas iriam poder diferenciar as imagens das bruxas dos contos tradicionais e contemporâneos. Assim citamos Ângela a imagem acústica que se forma em

nossa mente, é de uma bruxinha boa, que tem um semblante diferente e vestes diferentes. Assim nos afirma Peirce:

Um signo ligado a seu objeto através de uma associação de idéias gerais de tal modo que sua réplica traz à mente uma imagem a qual, devido a certos hábitos ou disposições dessa mente, tende a produzir um conceito geral, e a réplica é interpretada como um signo de um objeto que é um caso desse conceito. (1987: 56)

A imagem não produz o visível; torna-se visível através do trabalho de interpretação e ao efeito de sentido que se constitui entre a imagem e o olhar. Um olhar que trabalha diferente quando da leitura da imagem. Enquanto a leitura da palavra pede uma direcionalidade, a da imagem é multidirecionada, dependendo do olhar de cada leitor.

Desta maneira, a personagem bruxa pode ter várias interpretações e isso se dá conforme o sentido se constitui entre ela e o olhar do leitor. Então, ao visualizar uma personagem tradicional ou contemporânea imediatamente constituímos um cenário para essas personagens e para suas características. Quando visualizamos a imagem da obra *bruxa Onilda é uma boa companheira* forma-se em nossa mente os aspectos que cultuam essa personagem e ao mesmo tempo sabemos distinguir se ela é boa ou má conforme as suas atitudes.



6- "Bruxa Onilda é uma boa companheira", Enric Larreula, 2002.

A bruxa Onilda mostra-se mais como uma avó, não tem nenhuma semelhança com a bruxa tradicional que assustava as crianças, muito pelo contrário, na obra cria um fantasma e até conta uma história para ele. Nesse caso, mesmo sem ter contato com as imagens presentes na obra, ao ler criamos uma imagem da bruxa Onilda mentalmente, uma imagem que não nos causa medo e nem nos assusta. Assim nos afirma Santaella:

As imagens propriamente ditas participam de simples qualidades ou primeiras primeiridades. Essa definição de imagem, à primeira vista enigmática, fica mais simples quando se traduz 'primeiras primeiridades'⁶ por similaridade na aparência. As imagens representam seus objetos porque apresentam similaridades ao nível de qualidade. (1998: 62)

Santaella diz que a imagem representa o objeto ao qual se refere, porque esta possui similaridades, ou seja, são parecidas. Quando lemos obras tradicionais formamos mentalmente a imagem da personagem bruxa, essa imagem representa o objeto, da mesma forma que acontece, quando temos contato com obras contemporâneas. O que forma a imagem da bruxa em nossa mente é a ação que ela exerce na história, ou seja, se ela faz coisas boas sua imagem será uma, mas se ela faz só maldade sua imagem será outra.

Portanto a imagem da bruxa que conhecemos é a dos contos de fadas tradicional e por isso quando se fala em bruxa é difícil se criar uma imagem diferente dessa que se conhece desde criança.

2.3 A metamorfose da bruxa

Essa imagem por sua vez cumpre seu papel nos contos tradicionais de fazer mal, na maioria dos contos em que se encontra, sua maldade faz com que sofra as consequências. A bruxa clássica é caracterizada por ser feia, grotesca, incapaz de sentir bondade ou qualquer tipo de sentimento bom, às vezes vaidosa, antropofágica, é a própria encarnação da maldade.

Mas esta visão da bruxa tem passado por transformações, atualmente percebe-se a criação de bruxas que agem eventualmente com bondade ou, por vezes, portam-se como fadas. Zilberman afirma que para ocorrerem essas transformações muitos autores tiveram que

⁶ "Primeiras Primeiridades" significa similaridade, ou seja, algo homogêneo, da mesma natureza.

romper com os clássicos, para obter obras mais reais e também romper com os padrões vigentes em termos de realidade literária, que se pretendia incorporar.

A ruptura com certas expectativas pode ser verificada sob dois ângulos: de um lado, significa um rompimento com as modalidades ordinárias de expressão; de outro, com os clichês ou a ideologia de uma certa época. Assim, um texto autenticamente criativo explora formas inusitadas de linguagem; porém, como a ideologia – isto é, as noções comuns em circulação num determinado momento histórico – se inscreve na língua, torna-se evidente que a obra literária pode romper também com os padrões vigentes em termos de visão da realidade. (1998: 68-69)

A ruptura pode ser sim a abertura para novas obras modernas, ao mesmo tempo em que rompe com as formas literárias clássicas, mas essas formas serão sempre o guia para qualquer escritor de literatura infantil, certo que na atualidade as crianças necessitam de obras que reflitam suas realidades, mas também essas obras não podem conter tudo que acontece em nossa sociedade.

Não podemos tapar os olhos das crianças e, mesmo na literatura clássica, existiam contos com relatos até certo ponto violentos, como em *João e Maria*, cujos personagens são abandonados, fato que até hoje acontece, e como em *Branca de Neve e os Sete Anões*, que a madrasta da protagonista manda matá-la simplesmente por ser mais bela. Vimos que a violência está presente na vida da criança desde as eras mais distantes, por isso na literatura atual os escritores buscam escrever sobre fatos sociais que façam as crianças refletir sobre os conflitos vivenciados por elas mesmas.

Esses personagens, mesmo modificados em suas características e estruturas, não perderam o encanto e nem o fantástico, pois mesmo modernos possuem em si a magia dos contos tradicionais. Como nos diz Todorov, que para ser considerada literatura infantil o conto não pode perder o sobrenatural, pois o fantástico se define a partir da relação entre o real e imaginário.

O leitor ao considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos equivocados.[...] esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. (1992:39)

Tanto no conto de fada tradicional como no contemporâneo, o leitor irá ter contatos com personagens bruxas diferentes, uma totalmente má e outra que possui uma dualidade característica do moderno, esse contato fará com que ele se questione sobre a existência dessas criaturas, se são reais ou imaginárias. Mesmo com esse questionamento saberá a diferenças que existem entre ambas, o leitor se identificará com a personagem e suas ações dentro do conto.

Ocorreram mudanças até porque não serviam para a literatura contemporânea, seres que não representavam aspectos da realidade, como a bruxa má, duendes, anões, gigantes, príncipes, princesas, reis, rainhas, e fadas, esses personagens foram mudados para revelarem as habilidades do ser humano de mudar. Isso acontece com a Uxa, com a Ângela e com a Onilda; são seres fictícios, mas que de alguma forma possuem características de seres humanos de serem maus e bons, felizes e tristes entre outros.

Para tanto será necessário fazer o percurso gerativo do sentido em tais personagens:

- *Bruxa má*: ser hediondo que por meio de inveja e crueldade só faz o mal.
- *Duendes*: entidades mágicas que segundo a lenda guarda um grande tesouro.
- *Anões*: seres pequenos que na obra *Branca de Neve e os Sete Anões* ajuda a protagonista a vence a madrasta má.
- *Gigantes*: seres mágicos que possuem grande estatura, que pode ajudar como fazer mal. Como na obra *João e o pé de feijão*.
- *Príncipes e Princesas*: protagonista das obras infantis tradicionais, personagem esse que passam por peripécias para que no final termine com a princesa.
- *Reis e Rainha*: pais dos personagens que ira passar por dificuldades para que no final termine feliz.
- *Fadas*: entidades mágicas, que possuem feições de anjo e ações boas, sempre ajudam os mocinhos das obras infantis.

Na qualidade de protagonistas, as fadas boas, quando rompem com a imagem consagrada pelos contos clássicos, deflagram sérias críticas em relação ao mundo contemporâneo. Assim, os contos, aqui examinados, denunciam o apagamento das fronteiras entre bondade e maldade, entre fadas e bruxas; a corrosão do caráter maléfico e atemorizante das bruxas através do efeito causado pela caricatura.

A personagem Uxa representa uma visão caricatural tanto da bruxa quanto da fada, procedimento que visa a redefinir as noções clássicas a respeito das personagens, assim como visa pôr em exame os conceitos predeterminados de bem e de mal. A caricatura se expressa muito na obra *Uxa, ora fada, ora bruxa*, pois essa personagem é cômica tanto na bruxa como na fada, Uxa bem que tenta fazer o bem, mais é muita desengonçada e acaba se atrapalhando.

A protagonista de *Uxa, ora Fada, ora Bruxa*, de Sylvia Orthof, nega a unilateralidade que dá forma ao retrato convencional das bruxas. Oscilando entre o bem e o mal, apresenta um comportamento camaleônico, pois, em qualquer posição que esteja só faz estripulias.

A bruxa no conto de *João e Maria* dos irmãos Grimm é uma velha que, quando encontra as crianças, as captura e faz com que Maria cozinhe para alimentar João, para que a bruxa possa comê-lo assim que engordar. A bruxa nesse conto é antropófaga e deseja comer João, é velha e tem olhos grandes e vermelhos que expressa grande maldade, que construiu a casa de doces para atrair crianças, pois quer come-las.

Os dois meninos viraram assustados e viram que a voz era de uma velha bruxa de olhos vermelhos.

— Ah, ah, ah! — ria ela. Estou sentindo cheiro de carne fresca! E como vocês comeram minha casa, agora sou eu quem vai comer vocês!

Depois de dizer isso, agarrou as crianças e trancou João numa pequena jaula. (1991:18)

O percurso gerativo do sentido na obra *João e Maria*:

- *Velha Bruxa*: A bruxa de João e Maria é caracterizada como malvada e feia.
- *Olhos vermelhos*: Os olhos vermelhos caracterizam terror, através dos olhos se pode ter noção da sua maldade.
- *Carne fresca*: A bruxa além de fazer maldade por gostar, ainda é antropofágica.
- *Comer vocês*: Depois das crianças comerem a casa da bruxa, ela insinua que iram come-los da mesma maneira que eles comeram a casa.

Percebe-se que a bruxa, desde o princípio, tem a intenção de comer as crianças e faz com que Maria trabalhe como uma escrava e alimente seu irmão. A bruxa de *João e Maria* é a configuração da bruxa tradicional que detesta criança e faz de tudo para vê-la sofrer. Assim, o castigo que a bruxa teve foi de ser jogada no forno por Maria, como efeito de suas maldades.

Em *Branca de Neve e os Sete Anões*, dos Irmãos Grimm, a bruxa é a rainha que na verdade é muito bonita, mas tem o coração cheio de maldade e é muito vaidosa. Mas a madrasta má de Branca de Neve manda matá-la e como não consegue se transforma em uma bruxa e faz uma porção que coloca na maçã para matar tentar a façanha novamente.

Pondo em prática seu plano diabólico, a rainha se disfarçou de velha mendiga, colocou uma maçã envenenada numa cesta e se dirigiu ao bosque.

Quando viu a casa dos anões, começou a gritar:

— Quem quer maçãs? Maçãs vermelhinhas e muito apetitosas!

Branca de neve abriu a janela e espiou para ver quem era.

— Estão bem madurinhas - disse a rainha, disfarçada. Prove uma e verá como são doces!

A velha ofereceu a maçã envenenada, que parecia deliciosa. Branca de Neve, ingênua, deu uma mordida e imediatamente caiu no chão, sem vida. (1991:16)

O percurso gerativo dos sentidos da obra *Branca de Neve e os Sete Anões*:

- *Plano diabólico*: Ao perceber que Branca de Neve está viva a madrasta resolve ela mesma matar a enteada desta forma faz um plano malvado.
- *Velha mendiga*: Se veste de mendiga para se aproximar de Branca de Neve.
- *Maçã envenenada*: Desta forma Branca de Neve come a maçã e cai no chão sem vida.

A bruxa de Branca de Neve é vaidosa e invejosa até tenta matar a própria enteada, isso sem falar que ela configura realmente a bruxa má que imaginamos, que faz feitiços, que tem um grande caldeirão, do qual prepara suas poções. Ela esconde sua verdadeira faceta atrás de um belo rosto, mas por trás disso existe uma bruxa que só quer o mal de Branca de Neve.

Apesar das diversidades que passam *Branca de Neve e os sete Anões* e de *João e Maria*, o importante é a vitória perante a malvada bruxa, Bettelheim nos diz que a bruxa, e os outros personagens maus, são importantes nos contos de fadas porque os desafios dos heróis são maiores e como qualquer história têm que passar pelo sofrimento para conseguir a vitória. Além do mais, a história a ser contada para as crianças as ajudam a enfrentar os desafios da sua realidade.

Explicar para uma criança porque um conto de fadas é tão cativante para ela destrói, acima de tudo, o encantamento da história, que depende, em grau considerável, da criança não saber absolutamente porque está maravilhada. E ao lado do confisco desse poder de encantar vai também uma perda do potencial da história em ajudar a criança a lutar por si só e dominar exclusivamente por si só o problema que fez a história significativa para ela. As interpretações adultas, por mais corretas que

sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da história, enfrentou com êxito uma situação difícil. (1980:27)

As crianças têm uma interpretação diferente dos contos de fadas, pois é subjuntiva e impressionista e sua imaginação é bem mais ampla que a do adulto que procura uma explicação para todas as coisas. Os contos de fadas deixam a criança maravilhada e aos poucos ela os entende e sabe que também pode enfrentar seus desafios de vida, assim como fizeram *Branca de Neve e os Sete Anões* e *João e Maria* ao enfrentarem a bruxa.

A bruxa moderna é o oposto da tradicional, suas vestes são berrantes ou são escuras, mas isso não influencia sua atitude, sua imagem é angelicais, ou extravagantes, sua fisionomia nos lembra a da vovó, tem caldeirão, mas para fazer doces, ou a comida. Essa bruxa moderna acaba com a imagem de medo que a bruxa tradicional transmitia, são senhoras de bom coração e que quer somente fazer o bem.

Ocorreu então essa desconstrução da maldade da bruxa, pois sua imagem sofreu grande modificação. Nos contos modernos as bruxas tomaram os papéis principais e suas atitudes também mudaram, além de ser uma personagem que traz densidade psicológica e tem dúvida, e às vezes são meio atrapalhadas quando vão fazer o bem, não mais configuram o medo como nos contos clássicos. Zilberman afirma que:

Na literatura infantil importância enquanto vanguarda, porque rompe com os padrões ordinários relativos às produções para crianças, sua plena realização dependerá de sua integração aos parâmetros característicos de toda a literatura: verossimilhança no tratamento da história, afinando o mundo representado é enunciação do narrador, e coerência no desdobramento da ação, que decorre de uma necessidade interna e causalidade narrativa. (1998:82)

A importância na literatura infantil não está em se fazer produção para crianças que se quer tenha alguns significados, mas o que interessa é como essa história se dará, ou seja, o conto dependerá da verossimilhança, do narrador, a coerência no desdobramento da ação, isso faz com que a literatura infantil tenha significado de obra literária.

Essa mudança notada nos contos contemporâneos não só como literatura, mas como abertura para as mudanças também nas personagens é importante para uma nova estruturação nas personalidades diversas. Havia uma necessidade de se criar uma literatura voltada para as crianças, isso foi feito por escritor que estavam voltados em recolher contos populares. Desta

forma também na atualidade os escritores continuam a escrever e criar obras para crianças e adultos.

As bruxas, por sua vez, não ficaram para trás na busca dos papéis principais. Tomaram seus lugares e conquistaram a cena. Entretanto, na qualidade de protagonistas, os autores reservam-lhes perfis gaiatos e ridículos, deslocam-nas para a esfera das fadas ou criam para elas uma configuração bifronte em que bem e mal são os ingredientes principais. Conforme nos afirma Zilberman:

O questionamento do recorte maniqueísta da realidade. Também neste caso o alvo é a verificação da validade dos conceitos pré-estabelecidos relativos ao bem e ao mal. [...] Por esta razão, converte-se no cenário por excelência para a formação da personalidade, de modo que as personagens, jovens e crianças, necessariamente passam por uma transformação a seu contato. Este é o vínculo com o conto de fadas tradicional, assinalando que a ligação não provém apenas da utilização de seus elementos composicionais (personagens e seqüência narrativa), mas também dos resultados a que chega em termos de trajetória existencial das figuras humanas. (1998: 76)

A direção assumida pelos perfis da bruxa nas histórias infantis e juvenis permite concluir que, em especial, o perfil bifronte⁷ atenua o impacto da maldade e corrói a clássica oposição entre fadas e bruxas, de sorte que o maniqueísmo presente nos contos infantis e juvenis vai sendo ocultado por uma visão dialética que patrocina a convivência do bem e do mal é o caso de Uxa que uma hora é fada, na outra quer ser bruxa. Com este procedimento, as fronteiras que separavam as adversárias imbricam-se e, assim, os perfis perdem os traços absolutos que lhes serviam de diferenciação.

A criança quando está em desenvolvimento passa pelo estágio do espelho, que segundo Lacan é a fase em que a criança identifica sua imagem no espelho e brinca com ela. A partir desse pressuposto afirmamos que isso acontece com o leitor, pois quando este tem contato com uma obra como *Uxa, ora fada, ora bruxa*, se identifica com a personagem, a tal ponto que a personagem reflete o leitor, por meio de suas ações dentro da obra, isso acontece porque as personagens modernas estão cada vez mais humanizadas.

Esse tipo de processo irá acontecer frequentemente com as personagens contemporâneas, os leitores verão os reflexos de si mesmo dentro da obra na forma da personagem. São personagens que cometem erros, e possuem sentimentos, é a partir dessa perspectiva que dará o reconhecimento.

⁷ Dualismo psicológico.

A bruxa contemporânea tem sua imagem totalmente modificada, suas ações são quase de uma fada, ou seja, em vez de fazer o mal, ela faz o bem, ou pelo menos tenta como podemos ver em *Uxa, ora fada, ora bruxa*, de Sylvia Orthof (1985). Uxa é uma bruxa que às vezes se veste de fadas para fazer bondades, mas ao invés de fazer o bem acaba por fazer uma grande bagunça e quando se cansa de ser fada se veste de bruxa, mas não faz maldades e sim continua sendo meio fada e meio bruxa e diz: *A vida com a bruxa, na verdade, é uma maldade beleza pura!* (Sylvia Orthof).

Um dia, ela cheia de boas intenções, é capaz de parecer mais bruxa do que em dia de más intenções. A história passa pela desconstrução dos clássicos e pulveriza algumas chatices obrigatórias nos contos de fadas, como ser feliz para sempre, vai também destilar algumas maldades que não machucam ninguém e, lógico, tudo com boas intenções. Uxa é a parte da mesma moeda, pois um dia é fada, no outro é bruxa.

Uxa é o eixo da ruptura com passado, ela é ao mesmo tempo tradicional, pois quer viver um conto de fada, e moderna quer ser bruxa engraçada e se apaixona por um moderno computador.

É vencida pelo amor:
 Uxa acaba apaixonada,
 que danada,
 por um moderno computador.
 E assim é Uxa, a bruxa, ora boa, ora ruim,
 Ora antiga, ora moderna...afinal, Uxa muda,
 Muda muito, constantemente...eu acho, sei não,
 Eu acho Uxa muito parecida com muita gente! (Sylvia Orthof: 1991).

Percurso gerativo dos sentidos da obra *Uxa, ora fada, ora bruxa*:

- *Apaixonada*: Uxa é ora fada, ora bruxa, mesmo tendo essas duas características e acaba apaixonada, sentimento que as bruxas não tinha.
- *Moderno computador*: Uxa mesma às vezes sendo tradicional, também é moderna e assim acaba apaixonada pelo computador, até porque o computador representa a modernidade. Podemos observar essa dualidade na imagem abaixo, entre o moderno e tradicional.



- *Parecida com muita gente:* Uxa tem características humanas, e isso a torna muito parecida com as pessoas.

Ela é retratada como se fosse gente, pois muda constantemente. Além de que, quando Uxa é bruxa se veste de acordo e tem uma vassoura e um caldeirão, ela é sombria, tem pensamentos negativos; quando é fada, se veste angelical, como se todas as fadas fossem louras, usa roupas com cores berrantes e seus pensamentos são sempre iluminados.

As personagens contemporâneas vêm configuradas com uma bondade fora do comum, dessa forma ela perde o auxiliar que tanto era usada nos contos tradicionais. Zilberman nos fala desse dualismo das personagens tradicionais mas nos contos de fadas contemporâneos.

Se o elemento configurador do padrão positivo encontra-se matizado nos termos acima descritos, cabe verificar o que acontece com os estereótipos do mal, o que transparece por intermédio da evolução da narrativa[...]. Assim, as entidades tradicionalmente más perdem a conotação negativa, dissolvendo-se o dualismo característico do gênero; por isso pode ser dispensado também o auxiliar do herói, em geral uma fada. (1998:74-75)

As personagens malvadas perderam o estereótipo do mal e ganharam um dualismo característico dos contos contemporâneos. Uxa é um modelo de personagem que se configura com o dualismo de personalidade.

Mas Uxa, mesmo bruxa, tenta ajudar a fazer o bem, e às vezes assim sai bem melhor nas suas atitudes do que quando se veste de fada. Na sua atitude de sempre ajudar as pessoas Uxa muitas vezes parece um anjo, quando vestida de fada, como sua roupa colorida, sua peruca, ela na verdade só ajuda.

A obra *Uxa, ora fada, ora bruxa* valoriza o mundo infantil, mas ao mesmo tempo simboliza o novo, o livre, apresenta elemento criativo que faz parte do universo da criança. Ocorreu um desequilíbrio entre o tradicional e contemporâneo, pois nos contos clássicos os personagens eram obrigados a ter sempre a mesma trajetória e o fim era sempre o mesmo; nos contos contemporâneos rompe-se com a estética do final feliz.

Nos contos de fadas tradicionais os personagens são arquétipos, por isso não são nomeados com nomes próprios e sim são bruxas, fadas, príncipes e princesas, reis e rainhas e aos que são nomeados. Nas obras modernas os personagens são nomeados e esse nome condiz com suas atitudes e sua aparência.

Outra mudança que ocorreu nos contos de fadas são seus começos e seus fins, nas literaturas tradicionais, sempre começava com *Era uma vez* e terminava com *E viveram felizes para sempre*.

Para evidenciar as transformações nos enredos das histórias infantis, os contos tradicionais tinham um padrão em seu enredo. Na obra *João e Maria*, inicia-se *Era uma vez um pobre lenhador que vivia à beira de uma grande floresta, com a mulher e seus dois filhos, João e Maria* (GRIMM, 1991:02), assim o final dos contos também possuem uma estrutura a ser seguida, da forma como está na obra *Branca de Neve e os sete Anões* terminam da seguinte forma *E assim Branca de Neve e o Príncipe puderam viver felizes para sempre*. (GRIMM, 1991:26).

Mas na literatura contemporânea o começo se diferencia e seu final nunca termina em *felizes para sempre*. Deixa ao leitor que determine o final do conto. Desta maneira podemos ver na obra *A bruxinha que era boa. Vêm-se as cinco bruxinhas em fila e a Bruxa-Instrutora, de costas, todas estão montadas em vassouras*. (MACHADO, 2001:09).

Os contos contemporâneos começam os enredos de uma forma peculiar e totalmente inusitados. Da mesma forma seu final deixa ao leitor um ar de mistério ou simplesmente acaba a história, mas sem o final tradicional, percebemos isso na obra *Uxa, ora fada, ora bruxa E assim é Uxa, a bruxa, ora boa, ora ruim, ora antiga, ora moderna... afinal, Uxa muda, muda muito, constantemente...eu acho, sei não, eu acho uxa muito parecida com muita gente!*. (ORTHOF, 1985). O que percebemos é que essa mudança no enredo é nítida, até porque as crianças da atualidade procuram obras que condizem com sua realidade.

A literatura reflete passivamente uma sociedade ou uma época, apresenta suas contradições e suas diversidades, conforme a mesma passa por transformações a literatura também mudará, e absorverá as mudanças que ocorrerem nas sociedades. Por isso, os personagens passaram por metamorfose de caráter. A literatura não está apenas na evolução,

está passa por circunstâncias sociais, e em cada tempo escreverá sobre algo que condiz com as sociedades em que está inserida.

Mas Coelho afirma que essa diferença é bem aparente, principalmente na forma da narração.

As diferenças que devem ser notadas entre esta nova narrativa e os antigos contos são principalmente a forma da narrativa e os valores morais enfatizados. Quanto à forma, vemos a predominância da estrutura de romance sobre a estrutura de conto. Se usarmos de rigor na classificação dos gêneros dessas narrativas, verificaremos que nenhuma delas tem a *unidade dramática* e a *concisão* exigidas pelo conto e, sim, a complexidade das peripécias em torno de *uma* situação problemática ser resolvida. (2000:125)

As narrações dos contos tradicionais são bem diferentes dos contos contemporâneos, pois as obras tradicionais eram cheias de valores morais e religiosos, e os contos modernos vêm acarretados de fantasia. Talvez por isso que Coelho (2000:125) diz que esses contos modernos possuem uma estrutura de romance e não de conto, e existe uma complexidade em torno da personagem principal.

Assim o texto se converterá em instrumento de investigação literária, pois ao mesmo tempo em que relata algo se torna um instrumento de investigação e especulação, isso sem abdicar de sua natureza literária e autêntica. Desta forma impulsiona o leitor a uma posição perante a realidade, dando margem à efetivação dos propósitos da leitura enquanto habilidade humana.

Considerada hoje uma das formas de literatura infantil, o conto de fadas, pode ser visto como instrumento que ajuda a pensar. Assim nos afirma Góes, *A poesia desses contos, nascida dos mais fortes e primários sentimentos gerais, é a que mais fala e desperta a sensibilidade dos jovens* (1991: 118).

Podemos encontrar esses aspectos dentro da obra *A bruxinha que era boa* de Maria Clara Machado nos revela a história de uma bruxinha muito estranha, por sinal, uma bruxa que era boa e que não era aceita por ser assim. Bruxinha Ângela era uma bruxa que não gosta de fazer maldades e, muito pelo contrário, sempre ajuda as pessoas. Sofria certos preconceitos por ser diferente até fisicamente, pois era loura como uma fada, e tinha um rosto angelical.

Ângela, na obra, é descrita como um anjo, pois além da aparência, tinha um coração cheio de bondade. E acaba se juntando com um amigo e derrota seus inimigos com músicas de flauta.

A última bruxinha da fila é diferente das outras. Debaixo da roupa preta de bruxa, emoldurado por cabelos louros (as outras têm cabelos pretos e roxos desgrehados) surge um rostinho angélico: é a bruxinha Ângela. Voa com grande prazer na sua vassoura e monta com elegância, enquanto suas irmãs voam como verdadeiras bruxas; gargalhadas e movimentos bruscos. (2001:09)

Os percursos gerativos dos sentidos dentro da obra "A bruxinha que era boa."

- *Diferente das outras*: Ângela é considerada uma bruxa diferente não só por ter uma aparência diferente, mas por agir diferente.
- *Cabelos estranhamente louros*: As características de Ângela são deferentes para uma bruxa, ela mais se parece com um anjo, ou uma fada.
- *Rostinho angélico*: Possui traços de um anjo, seu rosto causa tranquilidade e age com elegância.

Ângela é configurada como anjo, é diferente das outras em seu comportamento e até fisicamente, pois possuem movimentos elegantes, e risos ao invés de estridentes gargalhadas, rostinho angelical e cabelos estranhamente louros. Ela não apresenta o estereótipo da bruxa e não é de sua natureza fazer maldades, as demais bruxinhas são apontadas como as personagens clássicas que fazem maldades por prazer.

Nos contos de fadas contemporâneos os personagens que dantes eram configurados com maldades, estes perdem a conotação do mau e desenvolvem um dualismo característico e necessário para os contos da atualidade, e a partir dessa perspectiva, os heróis não precisam de entidades que os auxiliam a resolver seus problemas. Desta forma nos afirma Zilberman:

As entidades tradicionalmente más perdem a conotação negativa, dissolvendo-se o dualismo característico do gênero; por isso, pode ser dispensado também o auxiliar do herói, em geral uma fada, já que é o dragão que carece de ajuda. Em fim, dragão e gigante têm uma conotação simbólica que remete o texto às origens da narrativa folclórica. (1998:75)

As personagens más dos contos tradicionais perdem suas identidades nas histórias modernas e ganham uma dualidade que não existia em tais personagens, essa dualidade faz parte do ser humano e por esses motivos os heróis perdem seus auxiliares, e não mais precisam de ajuda para enfrentar seus medos e dificuldades.

Dessa maneira, tais personagens se apresentam como protagonistas das histórias infantis e muitas vezes suas imagens dentro dos contos não são tão planas como as das fadas nos contos clássicos. Podemos perceber isso na obra *Bruxa Onilda é uma boa companheira* de Enric Larreula e Roser Capdevila, que retrata a história de uma bruxa que descobre que um bebê fantasma foi abandonado na sua casa e começa a cuidar dele. Bruxa Onilda, por meio de seus trajes de sua aparência mais parece na obra uma vovó.

Não havia quem dormisse naquele castelo!
Toda noite, era aquela barulheira.
Não eram os morcegos, nem os escaravelhos...
Tive a impressão de que o barulho vinha do jardim.
Por todos os pêlos de gato eriçados! No varal do Jardim,
havia um bebê fantasma pendurado!
Ai, coitadinho! Alguém o havia abandonado! Trazia um bilhete
pendurado no pescoço, onde estava escrito seu nome:
Espectrus Diafanus. (2002:6-9)

Os aspectos gerativos dos sentidos na obra *Bruxa Onilda é uma boa companheira*:

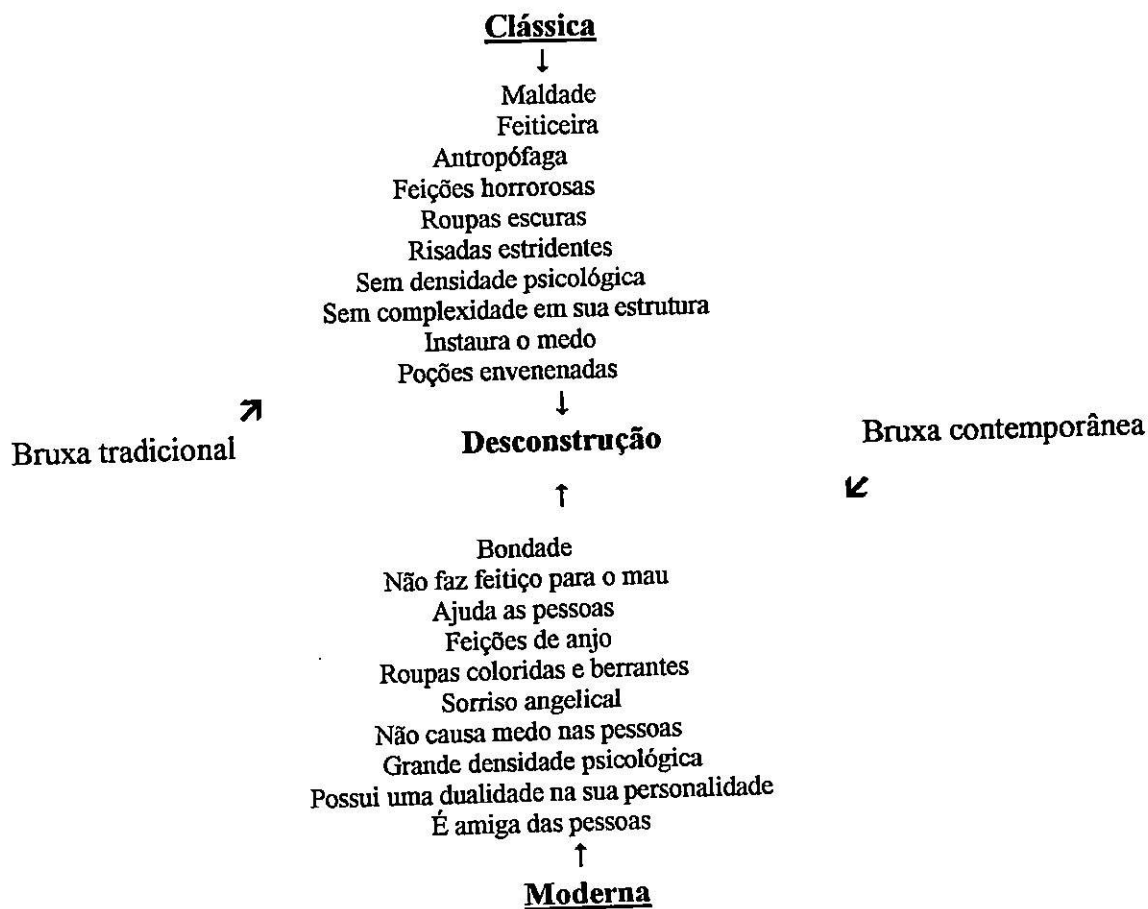
- *Castelo*: Nos contos tradicionais somente os reis, príncipes e princesa moravam em castelos, nos contos de fadas modernos as bruxa morro em castelos.
- *Morcegos e escaravelhos*: Representa animais que causam medo, mas na obra não mau a ninguém.

Bruxa Onilda, como todas as outras bruxas retratadas pela Literatura Infantil Moderna, traz a essência da dualidade entre o bem e o mal em sua personalidade e, através da ética relativista que revela que o mal aparente revela-se em bem ou resulta em algo certo, essa mudança pode ser observada nas obras citadas, pois relata a transfiguração de uma realidade humana: a personagem plana, sem densidade, dá lugar a uma personagem que vivencia dúvidas e mudanças psicológicas.

Portanto, aqui a bruxa torna-se um elemento bastante representativo para uma observação da desconstrução da imagem da bruxa, inclusive, com um trabalho de identificação do leitor com ela. Pois, a partir dessa nova construção da personagem, o leitor se identifica com suas ações e corresponde a esse elemento. A bruxa perde a concepção do

medo, instaurada pelos clássicos e surge assim uma personagem que é capaz de sentir e ser verossímil com suas atitudes dentro do plano criado para ela.

Assim, de acordo com o proposto neste capítulo, temos:



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar a personagem bruxa, tivemos como preocupação inicial apontar a trajetória histórica mítica pela qual ocorreu a metamorfose dela nos contos de fadas. Desse modo começamos pela figuração mítica tradicional da bruxa para em seguida apontar a transformação dela na figuração mítica contemporânea e, a partir de suas perspectivas configuradas no decorrer do tempo.

Assim num primeiro momento, nos preocupamos em salientar a construção mítica da bruxa com apoios de teóricos e críticos que forneceram subsídios para tais afirmações. Outro ponto a ser destacado também, foi a desconstrução da imagem da bruxa tradicional para sua nova imagem contemporânea, até porque considerarmos relevantes dentro do tema em questão para assim reforçar nossas considerações finais sobre este estudo.

Tendo em vista que o mito da bruxa foi constituído há muitos séculos, bem antes de fazerem parte dos contos infantis, devemos acrescentar que as mulheres daquela época possuíam saberes importantes ao tratarem das pessoas enfermas com ervas medicinais, além do mais se acreditava naquela época em seres sobrenaturais.

Por causa disso muitas mulheres foram consideradas pecadoras pela Igreja, o que colaborou para a construção desta imagem personificada do mal e do terror de modo que estas eram então perseguidas e condenadas pela Santa Inquisição Católica.

Ainda no plano mítico observamos que o mito, antes mesmo de ser proferido com as suas narrativas maravilhosas, eram considerados: sagrado, profano e pedagógico porque revelavam as coisas sobrenaturais do mundo para o homem.

Assim estas narrativas maravilhosas ou fantásticas passaram a ser consideradas míticas, a partir do momento em que se tornaram um modelo exemplar. Isto ocorre porque havia as repetições da história (contos/fábulas) que eram contadas por geração em geração ou por variadas versões dos contadores de histórias e mais tarde pelos escritores em suas determinadas épocas.

Com surgimento do sentimento de infância citado por Àries, já no final do século XIV ao início do XV, os escritores Germânicos recolheram um maior acervo dos contos e das fábulas que foram direcionadas para o público infantil assim uma nova mudança no panorama literário, ou seja, uma arte com representações simbólicas para as personagens das histórias infantis.

Desse modo as personagens como as bruxas foram inseridas dentro dos contos infantis para provocar o medo e o terror, pois as apresentavam como fonte da maldade e do pecado. Portanto, os contos infantis criaram este mito sobre a bruxa a partir de um fundo pedagógico, que era muito utilizado como método educativo e tutelar para com o ser infantil sobre os perigos do mundo profano.

Podemos observar que as bruxas tradicionais foram construídas como personagens planas, pois não ocorreram modificações em seu caráter ou em suas ações durante os contos de fadas. Conforme foi apontado neste estudo, a Bruxa da *Branca de Neve* e a Bruxa de *João e Maria* cumpriram com seu papel de causar medo e terror nas crianças, ou seja, nas personagens protagonistas que tinham o caráter perfeito dos heróis clássicos que se esperavam ser repetido pelas crianças.

Contudo, sob um olhar mais atento e crítico dos novos escritores do século XX, as bruxas contemporâneas passaram por uma metamorfose, ou seja, uma nova transformação em sua essência tanto interior quanto exterior.

Um exemplo disso destacado aqui foi à bruxa Onilda que apesar de ser caracterizada na figuração de uma bruxa, nada mais é do que uma senhora idosa e experiente dos perigos do mundo que está sempre preocupada com o bem estar dos seres em questão, bem como a Uxa que ora era fada, ora era bruxa o que deu a bruxa a sua humanização.

Assim as personagens das bruxas contemporâneas apresentam conflitos interiores não só na sua aparência, mas também nas suas atitudes por trazerem em sua construção alegórica uma tipologia esférica na sua versão contemporânea dando uma nova visão a bruxa aos olhares infantis.

Portanto, apresentamos a bruxa tradicional configurada como uma personagem má, de aparência feia, que de alguma forma causou repugnância, ou seja, uma personificação do mal e do horror. Entretanto, à visão contemporânea da personagem bruxa “moderna” perdeu essa concepção da maldade, mas ganhou uma aparência inovadora a partir das suas ações que estão relacionadas com a vida moderna e suas transformações na sociedade.

A bruxa contemporânea ganhou uma densidade psicológica mais profunda, que nos possibilita uma concepção mais humanizada da bruxa, desde suas franquezas até sua força sobrenatural. Por assim dizer as ações vividas pelas bruxas trazem o cotidiano moderno, porém o mito se mantém sob outra perspectiva que trás a luz uma essência desmistificadora vivenciada nas personagens clássicas.

Essas mudanças sofridas por essa personagem são muito grandes, em comparação com os outros personagens dos contos de fadas. A palavra bruxa nos remete a personagem

tradicional dos contos infantis, pois esta a imagem foi a que projetamos quando falamos dela, mas esta imagem está aos poucos sendo desconstruída pela nova imagem que está surgindo com as obras contemporâneas infantis.

Dessa maneira as imagens que povoam o imaginário infantil como de uma personagem má, passam a ser formadas com as ações boas, constituídas a partir das características angelicais. Essa mudança nas personagens se deve pelas modificações que ocorreram na sociedade moderna, pois as crianças apesar de ler os contos tradicionais, querem também ter contato com obras que condiz a sua realidade.

Enfim, os escritores clássicos foram os grandes colaboradores para com a literatura infanto-juvenil, mas com a inovação dos contos infantis contemporâneos deu aos leitores mirins a possibilidade de refletirem mais sobre as ações humanas. Além disso, despontou a um olhar mais cuidadoso da crítica literária para com a formação da literatura infanto-juvenil moderna. Uma vez que abriu as portas para as criações inovadoras como foi o caso da personagem "bruxa", sendo um diferencial que ajudará na formação dos leitores, enquanto criança, se tornarem sujeitos críticos em um futuro próximo.

RENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ia social, infância e da família. 2º ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- A psicanálise dos contos de fadas. 20º ed. Rio de Janeiro: Paz e terra,
- soa de. Teoria da semiótica do texto. 4º ed. São Paulo: Ática, 2005.
- e à filosofia. 2º ed. São Paulo: ática, 2002.
- SENFELD, Anatol; PRADO, D. A; SALLES Gomes, P. E. – A
Paulo: Perspectiva, 1976.
- ler os clássicos. São Paulo: companhia das letras, 1993.
- O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL,
- Infantil, Teoria, Análise. 1º ed. São Paulo: moderna, 2000.
- histórico da literatura infantil/juvenil. 4º ed. São Paulo: Ática,
- realidade. 5º ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- o e o profano a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes,
- . Introdução à literatura Infantil e juvenil. São Paulo: Pioneira, 1991.
- , Grimm, João e Maria, Girassol, 1991.
- a de neve e os sete anões, Girassol, 1991.
- Bruxa Onilda é uma boa companheira. São Paulo: Scipione, 2002.
- a Clara. A bruxinha que era boa. São Paulo: Companhia das letrinhas,
- a Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de
2002.
- a. Uxa, Ora fada, Ora Bruxa. Rio de Janeiro: nova fronteira, 1985.
- a José & OLIVEIRA, Maria Rosa. Literatura infantil: voz da criança. São
1986.
- Charles Sanders. Semiótica, Perspectiva, 1987.

Y

SANTAELLA, Lucia & NOTH, Winfried. *Imagem Cognição, Semiótica, mídia*. 4º ed. São Paulo: Iluminuras, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. 2º ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 10ª ed. São Paulo: Global, 1998.

SITIO PESQUISADOS

BRIGANTE, Lugus Dagda. *Uma breve explanação acerca de seus primórdios, seu retorno e sua importância no mundo atual*. < <http://www.bruxaria.org/content/view/167/131/> > Acesso: 27/09/2007.

FRAGOSO, Vítor. *O mito, Uma necessidade do homem?*. < <http://psicoforum.br.tripod.com/index/artigos/mito1.htm> > Acesso: 18/04/2007.

GENS, Armando. *Retrato de fadas e bruxas*. < <http://www.filologia.org.br/soletras/1/11.htm> > Acesso: 18/04/2007.

MAGNANELLI, Andréa Pires. *Era uma vez... E ainda são Contos de fada – possível resolução para os conflitos infantis*. < <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/12/10.shtml> > Acesso: 04/06/2007.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. *A desconstrução do medo de bruxa na literatura infantil*. < <http://www.graudez.com.br/litinf/trabalhos/terror.htm> > Acesso: 18/04/2007.

SALES, Léia Silveira. *Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário*. < <http://www.uff.br/ichf/publicacoes/revista-psi-artigos/2005-1-Cap8.pdf> > Acesso em: 20/10/2007

SILVEIRA, Silvana Pires. *A influência dos contos de fadas na formação da personalidade*. < http://www.cneconosorio.edu.br/pos/lin_lit/docs/03.doc > Acesso em: 04/06/2007